

Adeus às Ilusões



 Antologia

Academia de Letras da Grande São Paulo

A ACADEMIDA
DE LETRAS DA
GRANDE SÃO PAULO

Tem a honra de apresentar
sua V Antologia Literária

Adeus às Ilusões

A literatura, não
corrompe e nem edifica,
mas humaniza ao trazer
livremente em si o que
denominamos de bem e de
mal. E humaniza porque
nos faz vivenciar diferentes
realidades e situações. Ela
atua em nós como uma
espécie de conhecimento
porque resulta de um
aprendizado, como se fosse
uma espécie de instrução.
A humanização, Antônio.
Candido

Somos quarenta
membros efetivos
e quatro sócios
correspondentes.

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
José Carlos Donadão
Humberto Domingos Pastore
Sérgio A. Alonso Ballaminut
Hildebrando Pafundi
José Roberto Espindola Xavier
Alcidéa Miguel
Eva Bueno Marques
Roberto de Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro

In Memoriam
Gioconda Labecca
Rinaldo Gissoni

Adeus às Ilusões

 Antologia

Academia de Letras da Grande São Paulo

1ª edição

São Paulo
2022

Copyright@2022 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP.

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian
Sérgio Augusto Alonso Ballaminut

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Gráfica

Hawaii Gráfica e Editora

Impresso em 28 de outubro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

V Antologia literária : Adeus às Ilusões /
coordenação Maria Zulema Cebrian. -- 1. ed. --
São Caetano do Sul, SP : ALGRASP, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-65-88128-03-9

1. Antologia 2. Literatura brasileira I. Cebrian,
Maria Zulema.

22-124014

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-88128-03-9



9 786588 128039

**Academia de Letras
da Grande São Paulo (ALGRASP)**
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel. (55) 11 4221-1643

WWW.ALGRASP.COM.BR
academiadeletrassp@gmail.com

Composto em sistema
de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

Adeus às Ilusões



V Antologia

Academia de Letras da Grande São Paulo

Apresentação

Esta Antologia trata de um tema que se identifica com o momento que vivenciamos em nosso país, “Adeus às Ilusões”, e se transforma em uma conversa escrita em torno de ideias e ideais, merecedoras de ponderação e reverência a todos que nos contemplaram como parte desta obra.

O objetivo desta edição segue os padrões de edificação e consolidação da preservação da integridade literária da obra de cada autor, conservando, como decorrência, o melhor de nossa língua, de forma estruturada, permitindo ao leitor a absorção da importância da leitura.

Nesta edição, fui fiel à fluência original dos textos, ao mesmo tempo em que mantive a individualidade e a essência do espírito criativo de seus autores, nossos Confrades.

Maria Zulema Cebrian
PRESIDENTE





Adeus às Ilusões

▣ Antologia
Academia de Letras da Grande São Paulo

Textos



Maria Zulema Cebrian, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 03, cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña – Espanha. Filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Coursou Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer - Santo André. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Filosofia e Letras – Diploma superior de Español – Universidade de Salamanca – España. Museologia pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Serviço de Museus Históricos - São Paulo. Marketing pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota. Inglês pela Cultura Inglesa — Cambridge. Espanhol pela Universidade de Salamanca. Galego como autodidata. Publicou o romance Vontade de Ir Além, Escreva seu Livro, Costurando Sonhos e participou de várias Antologias Literárias. A Prefeitura de São Caetano do Sul conferiu-lhe a Medalha de Honra DiThiene, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, que contribuíram destacada e decisivamente para o desenvolvimento do município.

Riquiescat In Pace

MARIA ZULEMA CEBRIAN

A vida acontece enquanto você está ocupado realizando planos.

John Lennon

Era 1972, guiou-me pelas ruas de Marrocos, sem destino conhecido e sem qualquer indício de suas intenções, além de seu sorriso misterioso. Voltara a chover, embora o Sol teimasse em não se esconder. O início do outono tingia as árvores de cobre, e um sol iluminava as poças deixadas pela chuva. Um manto de folhas secas cobria o chão, e a temperatura era morna e úmida.

Marrocos era vibrante, colorido e fascinante, e muitos seriam os adjetivos que o descrevem, um lugar que sempre sonhara conhecer. Sua localização ao norte da África, separada da Europa pelo estreito de Gibraltar, facilitaria nossas aventuras pelo velho continente. O ar misterioso e exótico, os diferentes elementos que faziam parte de nosso cotidiano nos fizeram compreender que aquele era o lugar onde queríamos viver nossas vidas, abandonando tudo. A civilização e costumes particulares, o ar misterioso e exótico e os aromas das especiarias que inundavam as ruas e as casas despertaram novas emoções e interesses aos nossos olhos ocidentais. Quando jovem, eu estudara na Universidade de Málaga e viajara até o Marrocos que, em 1912, tornara-se protetorado da Espanha. E apaixonei-me. Agora havia a possibilidade de viver essa paixão. Nas ruas, a arquitetura conta a história e a passagem das civilizações que desenvolveram e influenciaram

esse povo e que se podem respirar no dia a dia. E, a partir dessa paixão juvenil, tentei convencê-lo de que esse seria o melhor lugar para viver. Há muito tempo planejáramos essa grande mudança para nossas vidas, sem atropelos. Desejávamos uma vida simples.

Há decisões que se tomam e que se lamentam a vida toda e há decisões que se amargam o resto da vida por não as ter tomado. E há, ainda, decisões menores, quase banais, que acabam por se transformar, por força do destino, em uma grande decisão que não buscamos, mas que vem a nosso encontro, mudando para sempre os dias que imaginávamos ter pela frente.

Entre todas as imagens que teimam em não se deixarem levar pela corrente do tempo, a de que me recordo com maior intensidade foi aquela noite... Apertou minha mão, deu-me as costas e me deixou naquele *script* de incertezas. Fiquei olhando-o enquanto se afastava caminhando livremente pela estação ainda molhada pela chuva noturna. Uma poça refletia a lua a nossos pés. Sem dizer para onde ia, entendi que, não importava onde estivesse, nunca conseguiria me afastar dele. O trem arrancou devagar, e o apito se perdeu na distância.

Tudo acontecera sem que me apercebesse das pequenas e das grandes mudanças. Porque é assim que as coisas acontecem ao nosso redor. Como quando olhamos para um quadro abstrato, em que, primeiro vemos as figuras completamente distorcidas, como nós; depois, com um olhar só nosso, surgem as formas que queremos ver e passamos a não enxergar além disso, e nos damos conta de que a vida não se pinta, exige sentimentos, alma, mas que os sonhos podem se transformar em pesadelos.

Sem saber onde encontrar respostas, o caos em que minha vida estava se transformando foi como o despertar de um pesadelo. A vida se esvaía, mas tudo isso se acalmava de repente com algum compasso de ternura absoluta e compreensão, e me fortalecia. Já não esgotava nele

a vontade de outras mulheres, embora as suas ausências, que não eram poucas, tornassem-se inesquecíveis a cada regresso. Era amigo, conselheiro, amante, discreto e íntimo quando me queria só para si, e exuberante e arbatador quando queria que seu brilho como homem perfeito se impusesse à vista de todos. Talvez o eterno retorno não significasse que nossa vida fosse voltar ao que fora. O destino não permite vacilos, nem que alguém se transforme no que realmente não é. Meu tempo se havia esgotado. Marrocos, agora, seria passado.

Antes que pudesse fazer a última pergunta, observava-o tentando ocultar o véu de tristeza que encobria meu olhar. Mesmo sem saber exatamente o que estava acontecendo, percebi, do jeito que a vida algumas vezes permite entender sem precisar de palavras ou argumentos, que estava ali o final de uma fase de minha vida que não voltaria mais. E seu olhar me fez compreender que as explicações, se um dia fossem possíveis, teriam que esperar. Apertou minha mão e desapareceu naquele labirinto de emoções que as despedidas provocam.

Esforçara-me, mas perdera e segui vivendo intensamente. É preciso aceitar o curso da existência, aprender com a dor, a vergonha e o arrependimento. É como se tudo se transformara numa pesada pedra que insisto em carregar e que nunca se solta. Aprendi a carregá-la e, sem desabar entre lamentos e lágrimas, tornei-me mais forte e venci.

Passava da meia noite. Acordei assustada com o toque insistente do telefone, levantei-me e, como alucinada, fui tomada por profunda emoção e angústia, correndo pela casa em busca do telefone que insistia em me chamar... Meu coração disparou, e a notícia me desmoronaria...

Ele morrerá. Infarto fulminante! A certeza da finitude da vida e como chega sem chance de optar, fez com meus joelhos se dobrassem pela força do que naquele momento estava sentindo. Não pude impedi-lo, nem me levantar e fiquei ali caída. Uma sensação de estômago cheio e

enjoos me fez vomitar todas as angústias, dores, raivas e a impotência, que tantas vezes me fizeram chorar e que naquele momento se faziam presentes. E um filme cujo roteiro e sinopse me eram familiares apresentou-se de forma surpreendente e imprevisível. Uma história com os personagens com que vivenciamos nossos melhores e piores momentos... Todas essas recordações inundaram minha alma. Um filme do qual não fui a diretora.

Os preparativos do funeral são a contextualização da vivência da perda, oferecem-nos o suporte de pertencer a algum lugar e uma compreensão onde compartilhamos com outrem a experiência da morte de alguém que amamos, embora a escolha do túmulo e as pompas fúnebres me pareçam, mais do que uma homenagem ao morto, um consolo para os que ficamos. O som das vozes murmurando, os risos contidos, os olhares inquisidores que medem o tamanho das dores pelo volume das lágrimas se misturava com o cheiro das velas queimando e flores, tudo tão contido quanto as pessoas ali presentes.

Ao atravessarmos a porta da morte, creio que a maior parte dos pecados cometidos desaparece. Ao morrer-mos, vamos imediatamente e completamente despidos para a presença do divino que nos habitou. A morte é a finitude de toda a esperança, com ela nos despojamos de tudo, amores, sofrimentos, bens e pecados. Caminhei em direção ao esquife, e um sentimento de amor e tristeza inundou minha alma. Lá fora, o descampado verdejante da paisagem mostrava formas conhecidas, coroas com flores secas sobre os túmulos, à frente *Bougainvilles* rosa coloriam o muro de pedras que separava o cemitério da estrada a qual nos levaria de volta para a vida, que continuaria sem olhar para trás. Saí sem me despedir de ninguém e fui para minha casa.

Ao abrir a porta, um vento quente soprou brandamente e parei um instante para absorver aquele silêncio, o vazio da casa uma vez mais me assombrava, e uma es-

tranha paz me envolveu, como um pedido de socorro naquele canto perdido da cidade onde vivêramos e fôramos felizes. Tudo acontecera de repente, determinando minha forma de pensar e refletir. Naquele momento eu me desfaria da pedra e substituiria a vírgula de nossa existência pelo ponto final.



Maria Zulema Cebrian

CADEIRA 03 – PATRONO GUILHERME DE ALMEIDA



Milton Bigucci - É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2003, na Cadeira número 5, cujo patrono é o escritor Lima Barreto. Autor de centenas de artigos publicados na mídia, também escreveu 6 livros: “Caminhos para o Desenvolvimento” (1997); “Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente” (1999); “Construindo uma Sociedade mais Justa” (2005), “Em Busca da Justiça Social” (2012); “50 Anos de Construção” (2012) e “7 Décadas de Futebol” (2014), todos com renda revertida a entidades beneficentes. De família humilde, descendente de italianos, começou a trabalhar bem cedo, aos 11 anos. Já foi arquivista, balconista, auxiliar de almoxarife, contador, auditor do setor automobilístico, gerente-administrativo e diretor de uma outra construtora. Como empresário sempre esteve ligado ao setor da construção civil, onde atua desde 1961. Em 1983 fundou a MBigucci: uma construtora familiar, com sede em São Bernardo do Campo. Reconhecida por três vezes (2021, 2015 e 2014) como a “Melhor Construtora Imobiliária do Brasil”, pela Revista IstoÉ Dinheiro. Nascido no Ipiranga – São Paulo, em 19 de dezembro de 1941, Bigucci é casado com Sueli Pioli Bigucci. Pai de quatro filhos (Milton Bigucci Junior, Roberta Bigucci, Marcos Bigucci e Marcelo Bigucci) e avô de 12 netos.

As Aventuras De Um Quase Craque De Futebol

MILTON BIGUCCI

Mais emocionante que as antigas tabelinhas de Pelé/Coutinho e Careca/Müller, mais irônico que o prefeito Jânio Quadros quando assumiu a prefeitura da capital de São Paulo, limpando com inseticida a cadeira onde sentou Fernando Henrique Cardoso, foi aquela tarde no Estádio Distrital da Aclimação em São Paulo.

Lá estava o italiano de ascendência russa, com 1,85m de altura, Notlim Iccugib, um apaixonado por futebol desde criancinha, que jogava como zagueiro, mas de categoria discutível. Foi convocado naquela tarde para jogar pela seleção da OAB – Ipiranga contra outra da OAB – Penha. Ninguém conhecia ninguém.

Como todo zagueiro que se preze, ele sempre teve vontade de jogar na frente, driblar, sentir a vibração de fazer os gols e da galera gritando seu nome na arquibancada.

Apresentou-se, então, como meia esquerda, embora nem chutasse de esquerda. Mas lá foi ele: cheio de adrenalina, camisa 10 nas costas e estádio repleto. O italiano foi indicado como capitão da equipe (dizem as más línguas até hoje que foi mais pelo seu tamanho, 1,85m, do que pela habilidade).

Mas naquela tarde... Ah! Naquela tarde tudo mudou. Quem gosta de futebol costuma dizer que, quando o Brasil entra em campo, Deus é brasileiro e está com os jogadores. Mas naquele jogo ele estava mesmo era com Notlim. Fez dois gols de falta, defendeu, atacou, discutiu com o juiz, tomou cartão amarelo, venceu e saiu consagrado um verdadeiro craque de futebol pelo time da OAB Ipiranga.

Até hoje, embora o italiano sempre tenha jogado como zagueiro em outras equipes amadoras, na da OAB todos o conhecem como o craque camisa 10, fruto único e exclusivamente daquela tarde, daquela aventura como craque, provando que no futebol também é preciso ter sorte. Neste nosso país deve haver muitos exímios jogadores que foram bafejados pela luz da ilusão num determinado momento e hoje “enganam” os torcedores em estádios repletos, carentes de verdadeiros craques de futebol.

Em sua paixão pelo futebol, Notlim (camisa 10) também passou por um momento um tanto curioso, engraçado e constrangedor, quando, ao lado do amigo Ollor (camisa 9), representando a OAB do Ipiranga, foi – com a cara de pau, mesmo – retirar um membro da diretoria da OAB do velório de sua avó só para despachar o pedido de anulação de um jogo em que haviam perdido. Assim era o camisa 10, disposto a entregar-se com total dedicação a todas as tarefas a que se propunha realizar em nome do seu futebol.

Mas o tempo passou, os cabelos branquearam, mesmo escondidos pela tinta, a barriga incorporou-se à forma física e a agilidade agora era muito mais mental do que com as pernas. As ilusões de um atleta garotão deram lugar a um atleta maduro. Na verdade, na verdade, Notlim nunca foi um atleta profissional, de ganhar dinheiro com o futebol, mas sempre ganhou muitos amigos, relacionamentos, histórias engraçadas e algumas até emocionantes como a do amigo Nosreme Said, outro com ascendência russa. Uma verdadeira lição de vida.

Nosreme jogava futebol com Notlim no Agnaripy Clube. Mesmo no meio dos jogadores mais velhos, com 50, 60, 70 anos, e fazia bonito, correndo, chutando, com muito brilho e personalidade.

Quem o via nesse pique não imaginava que, quando jovem, sofreu um acidente de moto. Após ser atingido por um carro, passou por 12 cirurgias e teve a perna amputada. Dizem que a primeira coisa que uma notícia como essa afeta é a vaidade, mas ele nunca se deixou abalar. Noresme trabalhava, na época, em uma loja de informática. Os funcionários se juntaram para comprar, não uma, mas duas pernas mecânicas para o amigo.

Bem-humorado e de bem com a vida, ele brincava, dizendo que perdeu uma perna e ganhou duas. Sua vontade de se tornar um craque profissional do futebol foi adiada, mas ele aprendeu a jogar com a perna mecânica de igual para igual com os demais boleiros. As palavras e as atitudes de Noresme eram exemplos de vida, não só para Notlim, mas para todos os amigos do futebol, que também já deixaram cada um a sua ilusão para trás e se apegaram aos ensinamentos da vida.

Construiu uma família linda. Casado há quase 20 anos, com os filhos já moços, gosta muito de falar, é bem comunicativo e espontâneo. Deixou a vida e o futebol seguirem seu ciclo natural. Lutou muito para conseguir uma prótese moderna, que é de fibra de carbono e dá maior conforto e firmeza. O equipamento foi adquirido através do INSS após dois longos anos. Depois do grande susto e de muita batalha com a saúde, ele trabalha e tem uma vida normal, sem qualquer trauma. O acidente ocorreu quando ele tinha 21 anos e o obrigou a passar muito tempo no hospital.

Começou a jogar no Agnaripy Clube ainda quando criança, nas categorias infantil e infanto-juvenil de futsal e possivelmente teria uma grande carreira. Com o acidente, afastou-se do clube, mas há pouco tempo voltou

a jogar. Participou de alguns campeonatos oficiais onde compete pela Portuguesa na categoria Sênior e espera servir de incentivo para muitas pessoas. O mais importante nessa sua história de vida é a lição de quem gosta de viver.

Sempre contava aos amigos do futebol e ao Notlim suas histórias de vida. Entre essas histórias, uma trágica e engraçada, que fazia todos rirem e aprenderem. Ele contava que sofria todos os dias, chorando em seu quarto de enfermaria, até conhecer uma das pessoas mais importantes da sua vida. Um senhor muito bem-humorado que estava com uma doença em seu saco escrotal e fazia piadas da sua própria enfermidade. Na cama do hospital, Noresme soltava altas gargalhadas. Certo dia, ele soube que esse senhor tinha perdido seu único filho em um acidente de motocicleta e sentiu pequeno seu problema perto daquele. Daí em diante, nunca mais reclamou da sua situação, das suas desilusões.

E, após a décima segunda cirurgia de reconstrução do seu membro, se deparou com a notícia de que a única alternativa de uma vida saudável seria a amputação. O que, para alguns, poderia ser o “fim do jogo”, para ele era o início de uma nova partida. Ele logo se imaginou com a prótese e não teve dificuldades para aceitar a mudança. Nunca gostou de ser igual a todos e, a partir desse dia, apelidou-se de “Robocop”. Claro, seus pais e irmãos foram os alicerces de uma vida nova que estava sendo construída e que o manteria em pé.

Noresme conta que quando colocou pela primeira vez aquele corpo estranho em seu resto de perna foi horrível, mas, com muita insistência, sabia que um dia poderia andar, dançar e até jogar futebol novamente.

Ensinava aos amigos que a cabeça é o único membro que não se pode perder do corpo e, pensando assim, conseguiu se relacionar com muita gente e conhecer a mulher de sua vida, com quem construiu uma família e que

o apoia mais que suas muletas, como ele diz, ajudando-o a encarar as dificuldades mesmo com muita dor. Não há sucesso sem dor.

Ele conta que ficar inerte numa cama de hospital gerava pensamentos de fracasso. O futebol, sua grande paixão, ficava somente na lembrança até conhecer próteses de última geração. Hoje, mesmo com sua deficiência, ele dribla zagueiros e preconceitos. Serve como exemplo para as pessoas que não saem de casa por causa de uma espinha no rosto ou outras desilusões da vida.

Uma frase dele, que se tornou marcante para todos os amigos do futebol, é: “Sua perna não é curta, curta é a vida, que não gosta de quem não luta!”



Milton Bigucci

CADEIRA 05 – PATRONO LIMA BARRETO



André Chaves é Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 06, cujo patrono é Machado de Assis. Natural de São Caetano do Sul, é Bacharel, Licenciado, Mestre em História Social e Doutorando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura pela mesma instituição; MBA em Gestão de Academia de Ginástica pelo Centro Universitário Internacional. Como poeta: publicou Cem Primeiros Poemas; Lençóis que exalam poemas de Amor; Dez anos depois; A razão em mim. Em narrativa: Contos Natalinos – Tempos de São Caetano; Isaac Schutemberg e os segredos da Ditadura Militar; Isaac Schutemberg e os segredos do Nazismo. Em Historiografia: São Luis Scrosoppi – Bicentenário de seu nascimento; A Revista da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro – Uma proposta para a Identidade Jurídica Nacional Brasileira; As relações de trabalho no Brasil – História e Reflexões; Unimed 40 anos: Idealismo, conhecimento e solicitude na tradição médica de Botucatu; Unimed FESP 40 anos. Em Gestão de Pessoas: 20 Lições de liderança cristã e sucesso da equipe de trabalho.

André Chaves <professorandreza@hotmail.com>

Esperança

ANDRÉ CHAVES

- Tem um minuto?
- Que horas são?
- Falta pouco para meia-noite.

- Catharina sempre me espera acordada apesar dos olhos carmins; Manuela não. Ela acorda muito cedo, a aula começa às sete e meia. Gilberto não tirou o rosto do brilho da tela do computador para falar.

- Ao terminar esta matéria, que o pessoal da edição aguarda para a tiragem de amanhã, pretendo voltar o mais rápido possível para casa. Forma elegante de negar qualquer favor. - E não vou chegar cedo amanhã! Insinuação selada com sínico sorriso; a intenção era evitá-lo, precisava de paz para concluir a matéria.

O colega jornalista permaneceu em silêncio, o que conferiu alguma curiosidade:

- Parece urgente. O que lhe causa aflição?

O experiente repórter dos assuntos ordinários da vida cotidiana cruzou os braços e firmou as pernas:

- Meu filho.

A curiosidade aqueceu o espírito de Gilberto, nunca o havia procurado para confidências. Especulou:

- Problema de família? Estranho... Até onde sei, tem uma esposa trabalhadora e independente, nunca lhe pediu um tostão para despesas pessoais; depois de quarenta anos nessa redação está prestes a se aposentar com excelente benefício financeiro; o rapaz, advogado prodígio, já é responsável por um dos melhores escritórios da cidade... E continuou concentrado nos toques ligeiros no teclado.

– A vida se resume a valores materiais?

– Preocupa-se por não possuir débitos impagáveis ou empréstimos insolúveis? Minha natureza é contrária, quando em vez penso que não vivo, sou parte de uma linha de produção de notícias diárias. Chego à redação ao amanhecer, saio ao terminar a matéria que será veiculada no dia seguinte. Não proclamo alforria por amor. Percebeu a ironia?

– E o tempo com elas?

– Tecnologia. Apontou para o smartphone, de prontidão ao lado.

– Converso com elas várias vezes ao dia. Em minhas folgas, renuncio aos meus prazeres, fico à sua disposição para tudo. Era misto de altivez e alegria no tom da voz.

Bartolomeu limitou-se a aprovar o raciocínio do colega com os olhos turvos em lágrimas, como quem reconhece própria frustração, a solidão de uma vida inteira. Talvez o apreço por antigo mobilismo, a insistência por passar horas livres na garagem de casa na companhia de ferramentas, químicas voláteis, panos sujos, o fazia sentir remorso pela distância, quase abandono do filho, embora fosse essa prática que mantinha Lívia como a companheira nessa existência. Era seu amor, não duvidava, mas o veneno das palavras contra tudo, a autopiedade diante de cada tribulação, as crises nervosas intermitentes eram alguns reflexos de um espírito atormentado pelo passado que esfriava seu coração.

– Evite orgulho, conversemos como homens à procura de uma solução racional para o problema. Criou coragem.

Sem parar de digitar - habilidade mecânica adquirida nos exercícios repetitivos do antigo curso de datilografia e refinado nos anos de sedentarismo em frente às máquinas de escrever, depois aos computadores - sorriu e desdenhou:

– Meu amigo, não tenho como atendê-lo agora! Volte para casa, descanse um pouco. Falamos amanhã. Pode ser?

Gilberto insistiu na solidão. Pela visão periférica, a imobilidade de Bartolomeu o constrangeu. Surpreenderam-no as palavras seguintes:

– É a matéria sobre corrupção no Poder Judiciário de São Paulo?

– Sim. Um “sim” totalizante e grave, como quem desaprova a questão. A ele não devia qualquer consideração.

– Concluiu a investigação... Ou melhor, chegou aos nomes...

– Por que você não lê a edição de amanhã e me deixa terminar o serviço?

Ainda que ásperas palavras o fizessem ter vergonha do que fazia, Bartolomeu precisava ser definitivo:

– Por acaso, o chefe do esquema de propinas é o Presidente do Tribunal de Justiça?

Foi o instante em que Gilberto parou de digitar e olhou firme para o colega de trabalho. Ouvir aquela pergunta, naquele instante, pareceu não carregar dúvida, era clara afirmação que caiu veloz e estrondosa como relâmpago. Sabia que Bartolomeu não acompanhava suas matérias, sequer nutriam proximidade profissional, respeitavam-se apenas; agora apresentava saber da principal informação a ser revelada apenas em algumas horas.

– Para conseguir isso você deve ter descoberto e reconstituído o organograma da quadrilha...

Dessa vez deixou os braços caírem sobre a barriga, trançou os dedos:

– Por que você não aguarda a edição de amanhã? Saberá de tudo.

– Falta muito para terminar?

Bastou. Finalmente, confrontou Bartolomeu:

– Nada me parece mais gratificante a um jornalista experiente que o reconhecimento. Sinto-me honrado pela atenção dada quando aqui ingressei, ainda foca. Sempre o observei como uma referência para mim, tal a clareza e precisão de suas matérias... as poucas que li, é claro. Ainda que tivesse optado pelo jornalismo investigativo, continuo a admirar suas notícias sobre o dia a dia do mundo no qual vivemos e a inteligência das colunas. Agora, eu preciso terminar

essa matéria, desculpe. Voltou o rosto para o computador, releu as últimas frases e partiu a digitar, mais veloz.

A coragem de Gilberto se desfez no tom de voz de Bartolomeu:

– Ouça-me com atenção, ouça-me e entenda. Você não enviará essa matéria escrita dessa maneira.

Parou repentinamente de digitar. Não teve coragem de fitar-lhe o rosto novamente, os olhos tremiam sem foco definido no chão. Sem encontrar opção que considerasse boa para indagar-lhe sobre a objeção, esperou o complemento da mensagem.

– Ainda nem chegou aos meados da carreira, longos anos o esperam nessa redação, ou em outra, tantos os concorrentes digitais espalhados pelo mundo. Possui a força, a alegria e a impaciência da idade, equilibradas ao talento para investigar e escrever, digo, virtudes quase inatas e insubstituíveis para essa profissão. Deve aceitar os prêmios que essa matéria lhe garantirá, contudo, sem abrir-se ao que não convém, a você e aos interessados.

A aflição lhe tomou o rosto. Foi o sinal de que continuaria a escutar.

– Quando foi contratado, e você sabe, Seu Reginaldo foi o mais claro possível: você não vai trabalhar em um jornal que busca a verdade dos fatos. Não sei se é possível encontrar essa verdade. Aproximamo-nos de algumas fontes documentais, declarações, informantes que nos mostram um quadro dos acontecimentos...

– Você não está aqui para dar uma aula de Teoria da Comunicação Social. Interrompeu com a voz embargada em ansiedade.

– Não. Um não decidido, capaz de apavorar o insensato. Prosseguiu em tom intimidador. – Trabalha aqui porque tudo o que escreve está de acordo com que Seu Reginaldo, dono de tudo, espera de você. O que já investigou e publicou neste jornal foi possível porque ele autorizou. Não percebeu que muitas de suas propostas, algumas estimulantes, foram

rejeitadas pelo conselho editorial porque não se enquadravam nos interesses da corporação?

A dúvida ainda persistia, tal o gesto de desdém que fez com os ombros.

– Seu Reginaldo tem amizade com muitos funcionários públicos de alto escalão, políticos profissionais, líderes religiosos, empresários de variados segmentos econômicos, inclusive alguns que preferem manter o anonimato, tanto de seus nomes quanto de seus negócios.

– Poderia ser mais claro, Bartolomeu? Qualquer minuto é precioso para mim! Tentou ser pragmático para disfarçar a palidez. Não obteve sucesso.

– Parece debilitante essa constatação. Devemos, portanto, aceitar que corporações de comunicação em massa com a nossa não são propagadoras da verdade, palavra vazia, espalham o conteúdo de interesse de pessoas “especiais”, afinal, pagam nossos salários. Quais consequências podem ser geradas? Não é da nossa conta...

Tirou um papel do bolso, abriu e mostrou uma escrita medonha que revelava quais nomes deveriam ser substituídos na matéria e qual seria o desfecho.

Há situações que a crueza da realidade desmente o brilhantismo das teorias. Parte significativa da classe dos jornalistas possui consciência de seu filtro ideológico, quase sempre confrontado com suas aspirações éticas e morais, quase nunca vencedoras. Continuou:

– Isso não implica dizer que tais mediações sejam vis; são capazes de interferir na transformação da realidade e tornar um mundo melhor. Não devemos perguntar “Para quem?”. Isso seria um peso que não conseguiríamos carregar.

Observava cada nome com misto de atenção e espanto. As alterações em sua reportagem investigativa transformavam todo o esquema devasso no controle do Poder Judiciário paulista em uma grande cruzada dessa instituição pública contra o crime.

Essa seria a publicidade mais constante, barata e pro-

funda possível: elevaria esses funcionários públicos e seus próximos ao nível de paladinos da Democracia, enquanto transformava forasteiros da grande população em criminosos; não que abandonassem sua parte monetária da situação, mas não tinham o que perder com o cerceamento de sua liberdade por um ou dois anos.

– Espere, seu filho será o advogado que irá defender os acusados?

– Falei há pouco dos resultados da verdade. É uma manifestação que deve ser nutrida por boas palavras e imagens felizes, independente do céu cinza e da terra ocre. O sucesso não se restringe a isso, também se manifesta em outras atmosferas...

– Poderia parar com essa filosofia de esgoto? Preciso decidir se termino esse artigo e sumo para nunca mais aparecer, ou minto descaradamente e sou promovido. A dúvida que vivo agora está entre manter minha honra ou vender minha alma ao Diabo.

– Foi você quem afirmou há pouco que vivia como escravo desse jornal por amor à família... Faça o que Seu Reginaldo mandou, evite o mal perpétuo, não existe lugar seguro para quem dá as costas ao poder nesse país.

Compactou o papel em sua mão, deu as costas. Bartolomeu andou em direção ao elevador solitário que o levaria à Presidência, aguardou o veículo no qual logo desapareceu. Não demonstrou preocupação na maneira como o colega terminaria o texto, tampouco do calor em seu espírito.

Foi esse calor que fez transpirar as mãos de Gilberto, deixaram o teclado brilhoso de gordura. Testa em bicas, até as lentes dos óculos embaçaram.

O brilho intenso do smartphone o alertou: precisava comunicar Catharina do serão repentino; o desafio estava em encontrar as palavras corretas para evitar a transparência da força que a mentira possui.

– Oi, meu amor! Assistimos desenho animado enquanto o aguardamos. Uma pausa. – Esse telefonema repentino,

porém, pode acabar com nossa expectativa. Estando o problema no trabalho, terminaremos o dia um pouco tristes, mas sem angústia; no trajeto, precisaremos de um pouco mais de paciência. Em qual deles se enquadra a situação?

Bela e inteligente, meiga e compreensiva, que mais poderia esperar de sua esposa? Mesmo diante de tantas virtudes, pela segunda vez naquela noite usaria da mentira para criar os fatos, o que fez piorar o estado de sua consciência.

Após segundos infindos calado:

– Bartolomeu queixou-se de permanente tontura, depois desmaiou. Os primeiros socorros foram dados pelos bombeiros civis; ele reagiu bem, mas foi conveniente encaminhá-lo ao hospital a fim de que fossem realizados exames mais conclusivos.

– Isso foi a que horas?

– No final da tarde.

– Por que não nos avisou antes que permaneceria a trabalhar? Sem resposta: — Assim que terminar o artigo iniciado por ele, volte o mais rápido possível!

O gênio minucioso, aspecto indomável da natureza feminina, mais uma vez apareceu para colocar pressão na resposta, que demorou o tempo da criatividade.

– Era para outro jornalista terminar, mas Seu Reginaldo me escolheu a dedo. A edição de amanhã só será impressa quando eu der por finalizada a matéria...

– O chefe vai ler antes da impressão?

– Você não o conhece? É bem capaz de fazer isso sem problemas com o sono.

– Entendi, cuide-se. Não deixe de pedir a manhã para compensar as horas de sono perdidas e a companhia da pequena. Ela gostaria que a levasse à escola.

– Pai? Reparou que havia mudado a interlocutora.

– Oi filha! Sentiu forte aperto no peito ao conversar com ela e ter que usar da trapaça com a frequência que não gostaria.

– Estou com saudades! Um beijo!

– Outro, minha filha!

Ela desligou repentinamente, preza a inocência.

Ao largar o smartphone danou-se a refazer o texto. Não se atreveu a ironizar a situação, sofreu calado com o que digitava porque alterava a realidade ao ponto de se tornar cúmplice da corja; nunca mais deixaria de ser o escolhido para ser o narrador de um embuste, não falharia em criar um fim ideal para as personagens de quaisquer propósitos escusos vindouros.

O último ponto final antecedeu um suspiro profundo, o de maior peso que já sentira sobre os ombros. Nem conferiu o que havia escrito direito, alguém na presidência faria isso. Desligou o computador, pegou seus pertences e saiu, meante o silêncio de tantas mesas desocupadas. Até chegar à garagem tentou convencer sua consciência de que fez apenas o exigido pela empresa.

Ruas com poucos veículos, ligeiros, temperamento de motoristas ansiosos; miseráveis nas calçadas mantinham-se incógnitos sob papelões, jornais e cobertores; as luzes artificiais dos postes encobriam o belíssimo brilho com que as estrelas do firmamento queriam dizer: nada somos, devemos aproveitar nossa diminuta existência. Pensamentos que não passavam pela sua cabeça. Escutava pagode no rádio, repetia os refrãos em afinação terrível, nem a fome o alertou.

Da entrada do prédio ao apartamento foi um autômato insuspeito. Entrou em casa segurando os sapatos. Abriu a porta do quarto da filha, cama feita. Logo entendeu que compartilhava a cama de casal com a mãe; pela fresta da porta surgiu a certeza. Deixou-se no sofá, dormiu com os óculos na cara, sem comer, sem se lavar.

A imagem turva da esposa, de roupão, com uma caneca de café na boca, diante da mesa posta para desjejum, fê-lo levantar. Embora pequeno o apartamento, seu sono quase venceu as zoadas amenas que todos fazem ao despertar.

– Bom dia! É melhor acelerar. Logo será hora de acordar sua filha. Catharina, com firmeza.

– Bom dia, meu amor. Passou direto para o banheiro.

Alerta pela água fria, recomposto após secar a face com a barba por fazer, voltou para a sala e sentou-se para despertar com o café amargo. Esperou que ela o servisse.

– Quase terminei de ler o jornal de hoje. Começou Catharina, sem esperar resposta. – Sua reportagem, reveladora de todo um esquema de corrupção, duas páginas inteiras, sem espaço para anúncios, estava pronta no final da tarde; já a reportagem do Bartolomeu, que falava da falta de vagas em creches de São Paulo, escrita em três parágrafos minúsculos, o fez chegar em casa de madrugada. Colocou o copo de café fresco na frente dele e completou: – Não sei o que aconteceu naquela redação, mas não minta nunca mais, entendeu? Diante da palidez do marido, foi mais enérgica: – Você compreendeu o que eu disse? Olhou-o no fundo dos olhos.

Ele apenas balançou a cabeça, incapaz de responder de outra forma.

Um acontecimento interrompeu o clima tenso: a filha chegou sem nada falar, apenas coçava os olhinhos e procurou o colo do pai.

A mãe observou o acontecido com duas certezas: amava aquele homem porque era um amante competente e a única pessoa que fazia sua filha feliz de maneira irrestrita. Esperança de idoneidade inabalável, somente a pequena.



André Chaves

CADEIRA 06 – PATRONO MACHADO DE ASSIS



Ana Stoppa, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 09, cujo patrono é Rinaldo Gissoni, ítalo-brasileira, advogada, ativista cultural, autora de livros para todas as idades, com ênfase na literatura infantil. A escritora, doa parte da edição de suas obras, fazendo de sua arte de escrever uma grande colaboração social e uma missão de amor pelas pessoas e pelo nosso planeta. Seu projeto continuado de incentivo à leitura já distribuiu gratuitamente de abril de 2012 até dezembro de 2019, mais de 80.000 livros. Em 2014, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) concedeu-lhe o Prêmio Excelência Mulher pelo destaque, tanto no ramo da advocacia como no seu ativismo pela leitura infantil, Prêmio Internacional de Literatura Infantil, Poesia Maestro Egidio Cofano e o Prêmio Ponte Entre os Povos. Por seu trabalho comunitário de incentivo à leitura, recebeu a Medalha do Mérito Comunitário Tobias de Aguiar, concedido pela Diretoria de Polícia Comunitária e de Direitos Humanos, da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

O Que Fica Na Alma Gravado

ANA STOPPA

Somos, na essência, emoção, poesia, obras de arte, canção. Se o cotidiano nos remete para a racionalidade necessária, a alma, por ser livre como um pássaro, carrega histórias e vivências que jamais se apagarão, instantes em que a alegria descompromissada reabre todas as portas da distante infância. O aperto de mãos, a troca de olhares, as palavras ditas no silêncio. Os cuidados que muitas vezes se ocultam atrás de um tímido e jamais ouvido “eu te amo”. O descompassar dos corações quando se entregam às emoções. A brisa que corre solta na imensidão do oceano, os sonhos transformados em realidade e, até mesmo, aqueles que foram somente sonhados. Somos frágeis e, ao mesmo tempo, fortes para recomeçar no nascer de cada dia. Esta é a magia da vida. Mas o que fica na alma gravado?

Tantas coisas boas ficam que, de repente, muitos corações passam a viver apenas do passado. Porém, fica a certeza de que os dias são por demais velozes quando se tem um sonho para sonhar, ou entediantes quando não se tem a quem o amor entregar. Ficam os aniversários festejados de forma única, os presentes, as canções, as surpresas, a dedicação e o carinho – seivas capazes de reavivar as emoções em corações às vezes endurecidos pelas quedas.

Quantos sentimentos positivos, plenos e iluminados somos capazes de emanar! Em cada porto, deixamos um pouco de nós para dar espaço ao que recebemos de outros corações. E, assim, nascem a alegria, o amor, e a saudade, que se faz presente nas pequeninas grandes coisas. Uma canção, o cheiro de pão, o beijo inesperado, a chuva que cai, o calor do leito, o abraço perfeito, que abraça, enlaça, acolhe, aviva e faz jorrar a esperança.

As flores sempre serão infinitamente maiores do que os espinhos. A escassez ou os excessos matam. Extremos não se alinham com sintonia, encanto, respeito, admiração, esperança e compreensão.

Por mais que se percorra a estrada, as pessoas raramente se revelam fortes o suficiente para lidar com os rompantes, as explosões, as críticas, a rejeição, o desamor e o desrespeito revelados pela indiferença, a falta de atenção, a escassez de abraços, os carinhos não retribuídos – aqueles recebidos como meras folhas secas movidas ao sabor dos ventos, as decepções que chegam sem avisar, sem pressa de dizer adeus.

Acontece que, improvisadamente, o encanto perece, a esperança desanda e os sentimentos se esvaziam nos ciclos que compõem a letra da majestosa sinfonia batizada de Vida. Não se sabe a razão, não existem tampouco justificativas. De repente, muitas almas se abrigam no ontem e, letárgicas, perambulam nas esquinas da solidão, à espera de um milagre, sem se darem conta de que cada um carrega a cura da dor, do desamor, da desilusão e da agonia dentro do relógio pulsante que abriga no peito.

E nos extremos do pensamento, enquanto alguns seres humanos, quando têm às mãos um copo com água, sentem-se em harmonia com o oceano, outros, movidos por uma sede insaciável de poder ilusório e a ganância de galgarem degraus de escadas inexistentes, são incapazes de encontrar o equilíbrio nas relações, sentem-se áridos como o deserto, tornam-se robóticos, vazios, desbota-

dos. Se esquecem que a vida é cor, alegria, simplicidade, movimento, saudade, harmonia e positividade no pensamento.

Cada coração tem sempre a possibilidade de escolher um caminho. Porém, muitos simplesmente não desejam nenhum. Possuem o livre arbítrio: tudo o que se semeia, colhe-se. Outros escolhem. Uns poucos recolhem, sem qualquer explicação, abandonam-se como folhas ao vento, expõem a alma ao relento, entregam-se às desilusões, amargam o desespero e a agonia. Lançam lágrimas ao vento no indigesto vazio onde sepultam os sonhos.

Vida é movimento, transmutação, alegria, emoção. E, como tudo é cíclico, bobagem manter a amizade íntima com a desilusão. E, se bom ator, sabe sempre o momento exato de deixar o palco. Independente das vaias ou dos aplausos, que saibamos sair de cena calados quando a paisagem não nos agrada, porque logo ali, mais próximo do que imaginamos, a esperança – menina ativa, de braços abertos – está pronta para nos acolher.

E, como os pirilampos e as borboletas, que sejamos capazes de seguir a luz do entendimento, da espiritualidade, da resiliência, do amor desmedido e da compreensão, para que, quando a saudade bater à porta, possamos compreender que ela existe. Se nos remeter a algo que nos fez extremamente felizes é porque um dia vivemos, amamos e fomos amados, de forma intensa e plena. É isso que fica na alma gravado, em sucessivos e comoventes ciclos que se repetem, onde a felicidade e a emoção, serão sempre infinitamente superiores às desilusões.



Ana Maria Stoppa

CADEIRA 09 – PATRONO RINALDO GISSONI



Ana Cristina Silva Abreu, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 12, cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984 na cidade de Ourinho, interior de São Paulo. Atualmente reside em Santo André. cursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Foi premiada com o projeto de Marketing entre Culturas em primeiro lugar no Prêmio Talento Metodista 2015, categoria Melhor Monografia e no prêmio Destaque Metodista 2006. cursou, ainda, Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboticabal e em Alfabetização pelo Centro Universitário UNISEB. Conquistou o segundo lugar no Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra, *O Coelho sem Cartola*; primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores — Rio de Janeiro — com a obra *Mas... e o Zero?*; o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto Juvenil 2013, com a obra, *O Colecionador de Palavras*; e o primeiro lugar no Concurso Cultural *Pense em algo bonito, sonhe com a República Tcheca 2020*, com o conto *Precisando de inspiração?* Sua próxima parada é a República Tcheca! Lançou, ainda, o livro *A Montanha, o Cachorro e o Menino* e o livro *A Dança do Dragão*, pela Amazon, em 2019.

A Estiagem das Musas

ANA CRISTINA SILVA ABREU

Ninguém sabe exatamente como aconteceu. Sim, eu sei que esta não é a melhor maneira de iniciar uma história, mas o fato é que sequer podemos sondar os reais motivos que levaram o mundo sagrado a tão infame greve. Só nos restam uns poucos relatos, aqui e ali, inspirados por aquelas mesmas que, de forma intempestiva, criaram toda essa confusão.

Vamos, porém, com calma. Primeiro faz-se necessário esclarecer alguns fatos. A ideia partiu de Calíope, disso temos certeza. A musa da eloquência e da poesia heróica só podia ser a mais persuasiva e usou de seus truques para convencer as demais. Entretanto, foi Clio, a musa da História, quem sucitou as primeiras reclamações que fariam germinar na irmã a revolta com a humanidade.

Era uma manhã de outono, as folhas já se acumulavam no diminuto jardim emoldurado por uma janela de vidro que se fazia companheira de um escritor qualquer. Ele se revirava em sua cadeira e as mãos tremiam ante o computador. O novo romance estava já na metade, calculava, quando a inspiração desapareceu. Evaporou feito água. Não sobrara uma ideia sequer. Aflito, após caminhar por todos os cômodos da casa diversas vezes, vestiu um casaco e ganhou a calçada.

Não demorou para perceber um estranho padrão. Uma senhora aflita, com os braços cruzados e os olhos inquietos, andava sem rumo do outro lado da rua. Ele se lembrou dela, uma poetiza bem conhecida na cidade. Seria possível? Uma autora famosa, inquestionável, estaria vivendo um bloqueio artístico assim como ele? Um grito o trouxe de volta de seus pensamentos, num susto. Um rapaz de uns vinte e poucos anos pôs meio corpo para fora da janela de um prédio de apartamentos e arremexava cadernos e folhas avulsas. O colorido dos desenhos mal-acabados preencheu a via enquanto ele repetia reclamações indecifráveis.

Foi neste momento que Érato, musa da poesia lírica, questionou a decisão que haviam tomado. Euterpe, da música, foi ágil em dissuadir a irmã:

“Já está feito. Não podemos desistir agora”.

“Foi o melhor a se fazer”, emendou Melpômene, musa da tragédia. “São uns ingratos e nossa influência era um mal maior”.

Na Terra, artistas de todos os ramos caminhavam sem rumo, arrancavam os cabelos ou se enfurnavam entre os cobertores, desejando não mais acordar. Mas este era justamente o problema, estavam, enfim, despertos.

“É o fim das ilusões”, sentenciou Polímnia, responsável pela poesia sagrada.

As irmãs a olharam com reverência. Os humanos estavam livres.

Uma menina dedilhava um piano enquanto as lágrimas escorriam pela sua face. Era uma criança prodígio, já havia lançado sua própria ópera infantil. Agora, apenas os exercícios de técnica destravavam seus dedos, mas sem qualquer sentido. Ela se levantou do banco e foi até a janela do conservatório observar as árvores ao vento. Lá fora, o escritor seguia seu caminho sem rumo, sem inspiração.

A noite caiu e o escritor voltou para casa. A cidade se calou. Apenas os corações dos artistas se inquietavam. Foi o primeiro dia e a primeira noite da ‘descricção’.

Com o passar do tempo a força do hábito foi-se fazendo preponderante. Já havia muito o que ler no mundo, muito o que ouvir, muito o que apreciar. As novidades dos artistas não faziam falta tão cedo. Ninguém viveria o bastante para consumir toda a arte existente para precisar de mais.

Terpsícore, musa da dança, sentia um misto de preocupação e alívio.

“Eles mesmos pediram que fosse assim. Desvalorizaram nossas inspirações, quiseram um mundo real, racional”.

E era exatamente isso que se pregava aos quatro ventos agora. A arte era uma ilusão, perda de tempo. Não deveríamos nos preocupar com os artistas que não mais eram capazes de compor ou criar. Eles deveriam ser encaminhados a trabalhos mais produtivos e necessários à sociedade.

Foi então que um fenômeno ainda mais estranho teve início. Não só os músicos não podiam compôr, mas ninguém sentia-se inspirado a tocar o que já havia sido composto. Ninguém queria interpretar o que havia sido escrito. Os museus de arte estavam às moscas, as bibliotecas às traças, ninguém cantarolava pelos parques.

“Será que isso não está indo longe demais?”, questionou Talia, aposentada da comédia e da festividade.

As irmãs a censuraram.

“Apenas quero que vocês pensem um pouco”, ela insistiu. “Não há inspiração, certo... Mas nem mesmo as crianças cantam suas músicas de roda, ninguém aprecia uma bela pintura, o cantar dos pássaros não arranca sorrisos”.

“Eles sequer olham para o céu a sonhar”, completou Urânia, musa da astronomia.

As demais silenciaram.

Quando já fazia um ano desde o início da greve das musas, o (ex-) escritor estava a caminho do escritório quando parou para observar um cartaz que convocava a todos para apreciar um novo pintor. Ele suspirou e um sorriso tomou conta de seu rosto. Por um momento esqueceu-se de sua nova profissão e foi atraído para dentro da galeria. Lá, bem ao fundo, um grupo rodeava uma tela pintada com tinta acrílica. Uma tela branca. Pintada de branco.

O escritor olhou ao redor sem entender, mas todos teciam comentários sobre a audácia do artista, sobre sua postura revolucionária. Nada fazia sentido, e continuar a caminho do escritório pareceu a melhor opção.

Com o tempo, mais quadros de diversos pintores ficaram famosos. Um era uma tela toda preta. Outro um quadrado azul. Logo uma obra cinza com um risco preto tornou-se o evento do ano. Seu lançamento veio acompanhado da primeira canção composta desde o início da greve das musas: uma sequência de três batidas eletrônicas que se repetiam por cinco longos minutos. É preciso dizer que não parecia humana.

Logo um frenesi de telas e papéis pintados como se fossem meras paredes, batidas repetidas seguidas de falas indecifráveis e livros repletos de poemas que mais pareciam receitas de bolo tomou conta dos momentos de lazer mundo afora.

Clio não conseguia mais conter seu arrependimento.

“Em toda a História, nunca presenciei algo assim!”

“Eles estavam cansados de serem iludidos!”, insistiu Calíope. “Eles queriam que a arte fosse apenas crítica, real, crua. Que não iludisse!” Ela tremia e sacudia as mãos enquanto falava.

“E o que será deles sem nossa inspiração?”, perguntou Polímnia.

“Aparentemente não conseguem fazer nada sem nossa ajuda. Quanto já se passou? Uma década?” Euterpe estava sisuda. “Até quando vamos esperar?”

As irmãs suspiraram, entreolharam-se.

“Eles não sabiam o que queriam”, disse, enfim, Melpômene. “Assim como ainda não sabem. Eles se esqueceram de nós há muito tempo, ignoraram o papel das musas, mas nós continuamos firmes, inspirando-os. Século após século eles se afastaram de nós, duvidaram de nós...”

“Até que nos cansamos!”, interrompeu Calíope.

“Olhe para eles, minha irmã”, disse Talia. “Nós queremos lhes ensinar uma lição, que se lembrassem de nós, que nos buscassem. Como, porém, nos buscarão?”

“Se não estivermos disponíveis...” A própria Calíope completou.

Em silêncio, pensativas, elas seguiram observando por mais algum tempo. Vale lembrar, aqui, que o tempo dos seres sagrados difere do nosso. Mais um ano se passou antes que o escritor tomasse coragem de sentar-se diante do seu computador novamente. Ora, se as pessoas estavam ganhando dinheiro com arte sem sentido, sem técnica, sem esforço, ele faria o mesmo.

Escreveu as primeiras linhas e elas fluíram com facilidade. Era uma história absurda, pobre em vocabulário, apenas no presente do indicativo. Logo as tais linhas viraram uma página, dez, cem. Era suficiente! Ele sorriu e olhou pela janela. Era outono, as folhas secas cobriam a calçada. Aquela... aquela poetiza, sim, era ela! Varrendo as folhas num transe ritmado como se aquela fosse a tarefa mais importante do mundo.

Ele se lembrou da obra dela e fez uma breve busca na internet. Leu um soneto. Um soneto! Tão previsível, tão engessado e imóvel com seus quartetos e tercetos, tão antiquado e ultrapassado, tão... tão belo. Agora ele se

lembrara, sonetos eram a especialidade dela. E ele leu e leu noite adentro e depois voltou-se para seu último trabalho, envergonhado. Deletou tudo.

Foi então que aconteceu. O escritor sentiu um arrepio subir por sua espinha e ergueu os olhos para o nada. Fixou a parede branca e sentiu um leve toque em seu ombro direito. Olhou para trás e nada viu. Melpômene, sorrindo, achou melhor continuar incógnita. Um ardente desejo de escrever brotou naquela mente já enferrujada e o som do dedilhar do teclado encheu o cômodo e as páginas até a aurora anunciar um novo dia.

Exausto e satisfeito, o escritor sabia que havia feito um bom trabalho. Sabia que a inspiração voltara, a arte voltara. E saiu correndo manhã afora até a casa do antigo editor (que há anos se recusava a atender telefones ou ler e-mails) com seu calhamaço em mãos. No caminho, ouviu uma bela melodia e se deteve por uns segundos. Sentada ao piano junto à janela do conservatório, uma adolescente em transe tocava como... como antes. Ele reconheceu aqueles traços e se alegrou.

A poetiza varria a calçada murmurando e ele se aproximou para mostrar seu trabalho, mas se deteve e ouviu atentamente enquanto ela recitava. Ele não reconheceu aqueles versos... Ela estava compondo!

Quase teve de arrombar a porta do editor de tanto bater antes de ser atendido e praticamente invadir a residência gritando “Leia! Leia!” enquanto o velho senhor bufava e se preparava para mais uma decepção. Logo na primeira página sua expressão mudou, suavizou-se, ensaiou um sorriso. Sentou-se na poltrona e seguiu lendo em silêncio quase que ignorando a presença do escritor. Passou uma mão no rosto, mudou de posição algumas vezes, até que a última página chegou. Pousou os papéis com cuidado sobre a mesa de centro enquanto o escritor

tremia de ansiedade.

“Ninguém vai ler”, sentenciou. “Exatamente por isso vou editar”.

O escritor ficou confuso.

“Bem vindo de volta!”, sorriu o editor.



Ana Cristina Abreu

CADEIRA 12 – PATRONO HERCULANO PIRES



José Bueno Lima, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 14, cujo patrono é Álvarez de Azevedo. Brasileiro, viúvo de Iara Balieiro Lima, advogado, pai de quatro filhos, José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe, nascido em Santo André, aos 27 de dezembro de 1937, filho de Antônio e Adelina Lima, Procurador-Chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, aposentado, escritor. Publicou três livros: *Um Passado Sempre Presente*; *Como Se Fosse Hoje* e *Crônicas e Contos de Um Saudosista*.

Ilusões Perdidas

JOSÉ BUENO LIMA

A primeira lembrança que surge quando se fala de ilusão perdida, crê-se, é da mítica figura do lendário Ícaro, que, instigado por seu pai, Dédalo, tinha como maior desejo voar. Conseguiu, mas, mesmo que sempre avisado por ele, no sentido de não chegar perto do Sol, não deu ouvidos ao alerta, e o calor do astro-rei provocou o derretimento da cola de suas asas, causando sua queda.

Todavia, muito se deteve sobre o tema. A começar por Platão, que abordou o assunto, incluindo-o no seu livro *A República*, ao contar a lenda do *Mito da Caverna*. Essa história consistia no fato de determinado número de prisioneiros cumprindo suas penas numa caverna, acorrentados de tal maneira que os obrigava a ficarem voltados contra a parede, e tudo o que se passava às costas deles, devido à luz da abertura, era reproduzido nela.

Assim, eles viam a realidade dos acontecimentos fora da caverna somente como lhes era permitido. Certo tempo depois, um dos prisioneiros conseguiu se libertar, tomando conhecimento de que como era vida lá fora; voltando para a caverna, e ao mencionar que tudo era diferente do que eles imaginavam, revoltados, ninguém acreditou nele; por isso, acabou sendo morto pelos demais.

Daí, Platão passou a analisar o conceito filosófico da ilusão. Todavia, quem mais estudou filosoficamente a ilusão foi Nietzsche, chegando a afirmar que “...*ela preenche uma função, a de proteger o Homem do desespero ou do vazio da própria existência*”. Um modo de dizer que ela faz parte, é necessária a todos nós!

Entendemos que neste trabalho, no entanto, não cabe focalizarmos o tema pelo lado filosófico.

Ilusão é, na definição mais simples, um engano.

Aprendemos, na escola, no estudo da Ótica, em Física, os efeitos causados pela ilusão, tais como na refração: em tempo de sol, na estrada, o asfalto parecer molhado; nos filmes de *cowboy*, as rodas das diligências girarem para trás, chamado efeito estroboscópico, o que se vê, também, nas luzes giratórias dos salões de baile.

Nas artes, então, são incontáveis os exemplos, como na literatura; quantos livros se baseiam em histórias de amores frustrados, casos de heranças esperadas, perdidas, e tantas outras. Recentemente, Werner Herzog, consagrado cineasta alemão, abandonando sua especialidade, lançou um livro, *Crepúsculo do Mundo*, no qual relata a história do cidadão japonês embrenhado nas selvas das Ilhas Filipinas desde o final da Segunda Guerra, onde permaneceu sem imaginar que ela houvesse terminado.

Uma ilusão que durou mais de 30 anos.

No cinema, filmes de amores mal acabados, como o americano *Adeus às Ilusões*, com Elizabeth Taylor, ou *Ilusões Perdidas*, francês. Como também aqueles filmes no deserto, quando o personagem perdido, cansado, sedento se engana com a miragem de uma lagoa azul, gramado e sombra de coqueiros. Estes podem ser igualmente enquadrados como ilusão de ótica, se bem que devam ser acrescidos do estado de confusão psicológica da pessoa.

Não podemos nos esquecer dos casos dolorosos. Por sua atualidade, essa inconcebível guerra gerada pela invasão da Rússia na Ucrânia, causando a morte de centenas de pessoas, de todas as idades, homens, mulheres, vidas ceifadas, quantas ilusões inesperadamente tolhidas, sem que claramente se saiba quais as razões desse ato insano do presidente russo, a não ser o desejo mórbido de conquista.

Nessa mesma linha, a pandemia que ainda estamos vivendo, uma idêntica guerra, só que contra um inimigo invisível, a Covid-19. Quando se pensa nela já dominada, aparecem novas cepas. Imaginar que, somente no Brasil mais de 660 mil vidas foram tiradas de gente de todas as idades. Quantas ilusões de jovens, carreiras de profissionais em suas respectivas áreas, sonhadas e perseguidas com tanto esforço.

Cabe serem ressaltadas as tragédias resultantes de fenômenos da natureza, e aqueles provocados pela mão do homem, causadoras que são, afinal de contas, de ilusões perdidas.

A natureza tem provocado inúmeros casos de desastres. Recentemente, na região de Durban, África do Sul, ventanias causaram mais de 300 mil mortes. Na região de Petrópolis, Rio de Janeiro, quase 200 mortes por enxurradas causadoras de deslizamentos de encostas de mor-

ros. Além disso, em diversos lugares do país, inundações e, também, deslizamentos, causando muitos casos fatais.

Do lado de tragédias originadas pela ação do homem, os números não são exagerados, mas nem por isso deixam de ser dolorosos. Devemos citar o absurdo da tragédia de Brumadinho, também com centenas de perdas de vidas. E o caso da menina que foi prensada num poste, por um carro alegórico no Sambódromo da Sapucaí, Rio de Janeiro, no início do Carnaval, este ano. De início, perdeu uma perna; após internada, veio a falecer.

Devemos mencionar, também, os crimes praticados dentro dos lares, principalmente contra a mulher, casos que têm crescido muito, nos tempos da pandemia do Covid-19, devido a obrigatoriedade do confinamento.

Sem mencionar o prejuízo que tais perdas representam para o País, que sofre a falta de cientistas e outros estudiosos nos mais diversos segmentos da ciência.

E, assim vamos encerrando, não sem antes transcrever um pequeno conto de Rubem Braga, escrito em janeiro de 1955, que bem representa um adeus às ilusões:

“Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos - a fita azul - o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco...

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada do que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar - sério, quieto, devagar.

*Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos
brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e
também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia;
e a nuvem tangida pela viração.*

*Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena
deste seu pai, que nunca a teve”.*



José Bueno Lima

CADEIRA 14 – ÁLVAREZ DE AZEVEDO



Clóvis Roberto dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 16, cujo patrono é Euclides da Cunha. Bacharel em Pedagogia e Direito. Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Mestre em Educação. Doutor em Educação. Docente, diretor de escola, supervisor de ensino, delegado de ensino, diretor regional de ensino da Região do ABC. Professor, Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos de Graduação e Pós-graduação da Educação Superior em universidades do ABC; Baixada Santista e São Paulo. Autor de dezessete livros sobre educação. Membro da Academia Paulista de Educação, Cadeira 19, Patrono Carlos Pasquale.

Esperanças Perdidas

CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

*“Quantas belezas deixadas nos cantos da vida
Que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar
E quantos sonhos se tornam esperanças perdidas
Que alguém deixou morrer sem nem mesmo tentar”*

(Trecho da letra da canção Esperanças Perdidas,
de Dêlcio Carvalho e Adeilton Alves)

Como previsível – na verdade, irresistível –, o tema “Adeus às Ilusões”, proposto para o livro de 2022, **V ANTOLOGIA**, da nossa querida ALGRASP - Academia de Letras da Grande São Paulo, remeteu-me ao filme homônimo de 1965, dirigido por Vincente Minnelli.

Os protagonistas são Elizabeth Taylor, no papel de Laura Reynolds, e Richard Burton, como Dr. Edward Hewitt. Ela, artista plástica e boêmia, cria e educa sozinha um filho, com histórico de pequenos delitos. Quando o rapaz comete a terceira infração, Laura é obrigada por um juiz da Califórnia a abdicar da educação domiciliar (*homeschooling*) e, contra sua vontade e visão mais liberal de comportamento, a matricular o adolescente em uma escola episcopal. Ele, diretor de escola, é pastor, casado e muito conservador. Edward compreende o mundo de forma oposta à de Laura no que toca à religião e à educação dos jovens.

A tensão entre ambos é crescente e se transforma em paixão. O desfecho deixo para os leitores procurarem. Não estragarei o prazer que eles terão de assistir a um filme que foi marcante em sua época, tanto que colecionou importantes prêmios.

Além disso, não tratarei neste texto das ilusões da paixão carnal, mas sim da realidade da educação, mote constante do cinema do século XX – como foi o caso de “Adeus às Ilusões” –, mas abandonado nos dias de hoje. Estranho que não se produzam mais tantos livros e filmes sobre a formação dos jovens, quando se sabe que este é o terreno no qual, hoje, nossos sonhos de um país melhor fenecem, juntamente com os sonhos das novas gerações de terem uma vida plena.

Antes de prosseguir, convido a um passeio com os mestres lexicógrafos Houaiss e Aurélio. O primeiro define ilusão como um erro de percepção ou de entendimento; um engano dos sentidos ou da mente; uma interpretação errônea; uma confusão de aparência com a realidade; uma confusão do falso com o verdadeiro. Para o mestre Aurélio, a palavra ilusão “se confunde com esperança, um sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que se deseja; engano dos sentidos, sonho, devaneio, quimera”.

Ambos nos fornecem a palavra-chave do que tratarei neste texto: o engano. A recente literatura educacional e pedagógica começa a dar conta da falência da educação escolar brasileira. Fontes confiáveis e mesmo minha experiência de mais de 60 anos de magistério em todos os níveis, graus e modalidades de ensino – de alfabetizador da 1.ª série do atual ensino fundamental à pós-graduação lato e stricto sensu – corroboram essa visão de fracasso.

O PISA (*Programme for International Student Assess-*

ment), em português Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Por esse programa o aluno brasileiro tem se colocado nas últimas posições entre os quase 70 países avaliados.

A imprensa tem publicado notícias igualmente inquietantes. O jornal O Estado de S. Paulo, em 2020, informou que o Índice de Desenvolvimento da Educação em São Paulo (IDESP) é de 2,4 numa escala de 0 a 10, bem longe de alcançar 5, que é meta para 2030. Isso no estado mais rico do país.

Nos últimos anos, a pandemia de Covid-19 afastou o estudante da sala de aula. O ensino a distância, salvo exceções, não funcionou com profissionais da educação desqualificados para o trabalho remoto, abandonados à própria sorte e – nunca é demais dizer – desmotivados e com salários aviltantes. Quanto aos alunos, a pobreza de suas famílias, sem meios para proporcionar ferramentas básicas para aulas virtuais, explica o restante do quadro.

Faz tempo que a educação não cumpre seu papel de proporcionar um futuro aos jovens. Faz tempo que o ensino médio e mesmo o superior se transformaram em cemitérios de ambições e sonhos de conquistar um lugar ao sol. A pandemia só tornou isso mais evidente.

Escolas são hoje moinhos que trituram esperanças. Fingem preparar o aluno para o futuro, como o personagem do escritor Saint-Exupéry no livro “O pequeno príncipe”. O Acendedor tem por incumbência acender um lampião de noite e apagá-lo de dia. Acontece que ele vive em um asteroide em que o Sol se põe a cada minuto. O trabalho é feito com devoção, mas é inútil.

A sociedade e a família têm ciência da violência,

agressividade e frustrações que desembocam na instituição escolar. O que talvez não compreendam é que, sozinha, a escola nada pode fazer. A sociedade precisa mudar e exigir melhores políticas – e políticos.

A escola é um organismo vivo que reflete, reage e se molda ao seu entorno. A crise educacional é uma crise geral.

O historiador israelense Yuval Noah Harari, autor de um dos livros mundialmente prestigiados deste século, “Sapiens: Uma Breve História da Humanidade”, costuma dizer em entrevistas que, “pela primeira vez na história, não fazemos muita ideia do que ensinar às crianças na escola ou aos estudantes na faculdade”.

Trata-se de um debate global. Com a velocidade inédita da produção de conhecimento, o que se deve ensinar hoje que permaneça relevante em 2050?

Sabemos muito menos hoje, em termos de definição de educação dos jovens, do que um agricultor do século XI, que ensinava seus filhos a plantar, com a certeza de que isso lhe seria útil e essencial.

Harari fornece a pauta: bioengenharia, tecnologia, desenvolvimento de inteligência artificial. Mas ele mesmo questiona: para quê, para qual sociedade, para quais situações futuras?

O Brasil dos sem-computador e dos professores sem-treinamento, que mal conseguem ter um pacote de dados para o telefone celular, chegará a este debate quando? Ou já perdeu o bonde?

Com tantas esperanças perdidas, até nos esquecemos da poesia que envolve a escola, da graça de crescer e aprender entre crianças e jovens iguais e entre mestres generosos. E da poesia na desgraça, que é aprender limites sociais e comportamentais.

Há poesia até na grande, imensa alegria de, às vezes, nos insurgirmos contra tudo isso. Insurreição, sim, porque faz parte, como traduz com bom humor e sensibilidade a professora, filósofa e romancista mineira Adélia Prado: *“Escola é uma coisa sarnenta. Fosse terrorista, rap-tava era o diretor de escola e dentro de três dias o amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. Quando acabarem as escolas, quero nascer de novo.”*



Clóvis Roberto dos Santos

CADEIRA 16 – PATRONO EUCLIDES DA CUNHA



José Carlos Donadão – Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira de número 17 cujo patrono é José de Alencar. É formado em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo, na área de jornalismo desde 1976. Nasceu em São Paulo e mora em Santos onde desde meados dos anos 90 dedica-se a escrever textos e livros. São de sua autoria: *De encontro ao sol* (romance); *Horizontes* (romance); *Padre Chico de Todos Nós* (biografia); *Meu filho é maconheiro* (autoajuda); *A árvore que falava* (com os pássaros) (infantil) e *Árvores que encantam* (infantil). O autor que assina os livros infantis pelo cognome de Zeca Donadão é casado, tem quatro filhos e três netos.

O Primeiro Encontro Fantasiado

JOSÉ CARLOS DONADÃO

Passaram-se algumas semanas e, numa manhã ensolarada, Cristiane ligou para o escritório. Não estava e, quando retornei, vi o bilhete em cima da mesa: “Cristiane ligou. Disse que retornaria a ligação mais tarde”.

Fiquei preso à minha mesa e não saí nem para o almoço. Por volta das 14 horas o telefone tocou. Era ela:

— Álvaro, vou ser rápida. Estou num orelhão. Vou passar uns dias na fazenda em Araraquara. Poderemos nos encontrar no local do acidente, lembra-se?

Numa fração de segundo, confirmei:

— Claro que me lembro! Quando você vai? Amanhã?

— Sim, amanhã. Poderemos nos ver no mesmo lugar, pois tem um acostamento. Ficamos acertados, então? Entre oito e oito e meia estarei lá. Respondeu ela.

Cristiane ainda justificou:

— Viajo hoje e amanhã, logo cedo, sairei para as compras. Costumo fazer isso sempre, pois o Junior é meio chato com a comida de lá... Estamos combinados, então?

— Com certeza. Não vejo a hora de chegar! Tenha uma boa viagem.

— Você também. Vá devagar, lhe espero.

Após o telefonema amarrei a cara como se um caminhão carregado tivesse passado por cima de mim e introspectivo fui até o meu gerente:

— Seu Flavio, o senhor permite que eu saia mais cedo hoje e falte amanhã?

Percebendo o meu semblante arruinado perguntou:

— O que houve?

— Minha tia de Araraquara acabou de falecer. Preciso ir ao velório, ela era muito querida da família.

— Pode ir sim. Deixe que eu aviso o pessoal do setor. Está liberado desde agora.

Agradei e fui para casa, onde engatei outra mentira. Disse que fora chamado para nova entrevista na fazenda onde fizera testes quando do acidente da senhora Cristiane e, para não perder o dia na empresa, justifiquei que iria ao velório de uma tia. Menos mal, pois se alguém me procurasse estaria munido de um álibi.

Saí em viagem por volta das 18 horas, de forma que às dez da noite já estava hospedado numa pousada em frente à estação Rodoviária.

Durante as quase quatro horas de viagem meu imaginário repousou em Cristiane. Imaginava-a nos meus braços, seu corpo roçando o meu; mordendo-a delicadamente e até tomando banho juntos. Ia exigir uma suíte com banheira. Queria vê-la coberta de espuma!

Pedi, na pousada, que me acordassem as sete da manhã e tentei dormir um pouco. Cansado da viagem não demorei para pegar no sono e, quando me ligaram da portaria no horário combinado, já estava apрумado para o café da manhã.

Não queria deixá-la esperar, por isso cheguei antes do horário combinado.

Estava afoito para vê-la. O sonho de tê-la em meus braços, apertá-la, senti-la, confortá-la ainda coloria minh'alma.

Enquanto manobrava para esperá-la no mesmo local do acidente avistei um carro em sentido contrário. Era ela. Parou ao meu lado e desceu. Abraçamo-nos e finalmente beijei-a gostosamente. Um beijo longo e esfuziante. Demorado e merecido beijo!

Minutos depois, cada um no seu carro, partimos em direção a rota dos motéis, do outro lado da cidade. Seguia na frente e em poucos minutos ela me dava sinais de alerta. Aquela vicinal não tinha acostamento suficiente para pararmos, então não dei trela e continuei. Conhecia aquele caminho e raciocinei que ela quisesse me apresentar algum melhor, mais curto. Ela começou a desacelerar e aos poucos foi ficando para trás. Diminui a velocidade e ela continuava dando sinais, agora acenando continuamente com a mão para que eu seguisse em frente. Achei estranho e continuei, porém, com velocidade inferior a inicial. Quando íamos cruzar a rodovia parei e desci do carro. Fui até ela que, em pânico, disse-me:

— Vá embora. Espere-me no estacionamento do hipermercado Extra. Os capangas do meu marido estão atrás de mim...

Voltei para o volante e o perseguidor que vinha na cola dela ultrapassou meu carro. Eram dois, e o carona fixou de tal forma o olhar em mim que me senti fotografado pelos olhos dele.

Se tivessem que fazer algo comigo não seria naquele ponto. Já estava cruzando a rodovia e o posto policial rodoviário ficava em frente. Passei por eles e fui ao Extra.

Perdi-os de vista.

Estacionei o carro próximo da porta de entrada da loja e fiquei à espera dela dentro do veículo. Vi quando

ela chegou, estacionou e foi para dentro da loja. Esperei alguns segundos e fui em sua direção.

Esqueci o perigo e pensei “meu Deus, que mulher linda!”. Queria beijá-la novamente. Ao me aproximar, percebi que ela estava trêmula e com os olhos vermelhos. Tinha chorado. Abracei-a e disse:

— Pronto, acabou. Vamos embora daqui.

Cristiane estava apavorada e falou:

— Álvaro, tenho que voltar para a fazenda. A esta altura, meu marido já está sabendo que nos encontramos. Ele é uma pessoa má, vingativa. Viajamos com o motorista, que também é nosso segurança particular e hoje, ao sair, disse a ele que não se preocupasse comigo, que ficasse na companhia do Junior. Eu não sabia, ele mandou outros dois seguranças para nos vigiar. Estavam de campana na pista, fora da fazenda, e, ao me avistarem, vieram atrás de mim.

Tentei acalmá-la, em vão:

— E agora? Vamos sair, acalme-se. Você não tem condições de dirigir...

— Não se preocupe. Vou voltar para sentir como estão as coisas e colocar uns pingos nos is com os capangas. Sei como abordá-los e sei o que vou falar para eles. Não posso ligar para você porque desconfio que seu celular também esteja grampeado. Se tudo estiver calmo, volto para cá às treze horas. Se eu não vier é porque algo de errado aconteceu. Desculpe-me.

Apertei a mão dela e beijei-a nos lábios. Ela não retribuiu...

Acompanhei-a com o olhar e procurei segui-la silente de volta ao carro, a minha referência...

Foi a manhã mais longa da minha vida...

Perambulei pelas ruas do calçadão central várias horas, um calor insuportável!

O carro continuava estacionado no Extra onde retornei pouco mais de meio dia. Esperei-a até às duas da tarde. Os seguranças já me eram familiares, cumprimentavam-me cada vez que passava por eles, ora com um pacote de biscoito, ora com um refrigerante. Desisti!

Voltei para casa literalmente em clima de velório.

Restava-me esperar por ela e em silêncio.

Dia seguinte, não tinha vontade de conversar e parece que os colegas queriam notícias detalhadas da tia falecida: idade, estado civil, se tinha filhos, motivo da morte... Não havia me preparado para aquele monte de perguntas que mais se assemelhava a um interrogatório.

Minha cabeça estava plugada em Cristiane. Queria saber o desfecho daquela história inacabada.

Ainda pela manhã, recebi notícias dela. Só que não foi por telefone. Através de um motoboy, mandou-me uma carta onde narrava o que acontecera desde o nosso falido encontro:

Álvaro

Não gosto da palavra culpa, mas não acho outro substantivo para substituir o meu sentimento. Sinto-me culpada de tudo o que aconteceu, de tê-lo envolvido, de fazê-lo perder tempo, talvez até colocando o seu emprego em jogo. Quero que me desculpe. Não era isso que eu planejava. Queria passar apenas alguns momentos na sua companhia e, como você diz, “desabafar”. Não tenho gente confiável para isso. E, se tivesse, não poderia fazê-lo por telefone ou internet, celular...

Quando o telefone toca fico trêmula, porque tenho medo que o interlocutor fale algo que ele possa entender como “cantada”.

Outro dia, o gerente do meu banco disse que não telefonaria mais para mim porque fora advertido pela sua di-

retoria de que estava muito “meloso” nas conversas com clientes do sexo feminino. Veja a que ponto chegamos...

Por isso que lhe pedi para não ligar para cá.

Voltei para a fazenda e “os capangas” estavam com o meu filho de malas prontas para retornar para São Paulo. Tomei-o das mãos deles e disse que ele só sairia de lá se eu fosse junto. Fiz um escândalo e expulsei-os de lá. Uma verdadeira baixaria – e o pior, na frente do Junior, que veio em minha defesa e confirmou que só voltaria para casa comigo!

Ligaram para o Alfred, e o cafajeste disse para ficarem por lá. Tomei o telefone das mãos do cacundeiro e disse simplesmente que ele chegara ao ponto máximo que eu poderia suportar. Na frente de todos, pedi que ele convocasse seu advogado e preparasse o nosso divórcio. Disse que aceitaria qualquer tipo de acordo. Estou retornando agora e quando chegar em casa não quero vê-lo, aliás nem hoje, nem nunca mais. Vou para um flat enquanto não arranjo um apartamento para mim e para o Junior.

Para minha surpresa, quando cheguei em casa, o advogado, Dr. Moreira estava à minha espera. Inicialmente tentou me demover da ideia de separação, mas como viu que eu não estava reticente disse que iria preparar os documentos. Pedi que fosse rápido. Perguntei-lhe se poderia sair de casa naquele dia mesmo, para não caracterizar abandono de lar e ameacei fazer um boletim de ocorrência, caso negativo. Ele me deu um documento de próprio punho onde alegou “saída do imóvel principal do casal devido a incompatibilidades conjugais.”

Tão logo eu tenha um endereço, prometi lhe informar. Vamos esperar até a poeira baixar um pouco, se baixar. Gosto muito de você e não quero que nada lhe aconteça.

Beijo

Logo depois que li a carta sem assinatura de Cristiane (escaldada, não queria deixar indícios que eventualmente pudessem propiciar prova de traição, intuí), Rui apareceu à minha frente para me dar os pêsames. Aí foi a conta, aceitei as condolências dele com uma mão e com a outra entreguei-lhe a carta de Cristiane. Disse baixinho ao seu ouvido:

— Interprete-a para mim.

À tarde fomos juntos para casa. Expliquei-lhe que ninguém morreria e que fui a um encontro com Cristiane, que gorou. Daí a razão da carta. Rui ponderou:

— Sabe Álvaro, essa mulher gosta muito de você, mas esse cara, o marido dela, não vai dar sossego a vocês. Cuidado, procure não andar sozinho. Esse tipo de gente, que tem muito dinheiro, acha que pode tudo. Consideram-se intocáveis e impunes. Evite comentários e nem cite o nome dele em qualquer círculo. Ele, com certeza, terá gente infiltrada em toda roda que você ou a Cristiane estiverem presentes. Sua melhor arma contra ele é o silêncio. Para tolos e ignorantes, o silêncio é a melhor resposta.



José Carlos Donadão

CADEIRA 17 – PATRONO JOSÉ DE ALENCAR



Humberto Domingos Pastore - Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 19 cujo patrono é Dom Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul em sete de fevereiro de 1955. Filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo pela Universidade Metodista e em Teologia pelo Instituto Diocese de Santo André. Profissionalmente desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa, edita o Blog do Pastore e apresenta o programa Conexão ABC na TV Grande ABC. É autor dos livros: “Contador de Causos Urbanos”; “Santa Rita de Cássia - A Padroeira do Pinheirinho”; “Cônego Belisário - O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos”; “Tadeu - O outro Judas”, “Lins - A saga de um líder sindical”.

Adeus às Ilusões ou Bem-vinda, Ilusão!

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

Já imaginaram quantas ilusões perdemos ao longo de nossos anos? Todas as ilusões que vamos alimentando nos primeiros anos de nossa vida são destruídas conforme vamos crescendo, ora pela sociedade, ora pelos mais velhos, ora pela escola. E com isso vamos ficando duros de espírito, frios de coração.

Ao pensar nas ilusões que perdi, principalmente após os dez anos de vida, uma se destacou em minha mente. Lembro de que nos meus seis, sete anos, vivia contando para quem quisesse ouvir que acreditava piamente na possibilidade da existência de uma máquina que viajasse no tempo.

Com o passar dos anos, minha mente foi bombardeada para que não mais acreditasse nessa possibilidade. E, assim, fui perdendo minha qualidade de sonhar, de imaginar que seria possível visitarmos tempos remotos ou embarcarmos em experiências realmente futuras.

Apesar de gostar dos filmes do gênero, perdi o costume de comentar com os demais, mas a verdade é que, bem lá no fundo do meu ser, voltei a acreditar nessa ilusão – vamos chamar assim – de que é possível existir uma máquina do tempo. É por isso que o relato que faço a seguir tem uma importância fundamental. Acompanhem meu depoimento:

Sou Humberto Domingos Pastore e tudo o que vou relatar aqui é a mais pura realidade. Um fato que segurei comigo há exatos quarenta anos. Eu tinha 27 anos e estava executando um trabalho jornalístico na cidade de Bertioga, que, na época, ainda era só uma vila de Santos.

Depois de trabalhar durante três dias em Bertioga, preparei-me para voltar para São Caetano do Sul. Não eram ainda seis horas da manhã, e já estava esperando a primeira balsa que me levaria até Guarujá, onde pegaria o ônibus que me traria de volta para São Caetano do Sul.

Sol ainda não tinha nascido e já estava na Rodoviária de Guarujá aguardando a saída do ônibus. O local poderia ser dito quase deserto. Tinha uma lanchonete, o posto de venda de passagens e poucos passageiros sentados nos muitos assentos disponíveis.

Entre as poucas pessoas presentes naquele espaço, uma realmente se destacava: era um homem, com cerca de sessenta anos. Usava roupas não usuais para o local, e mais ainda para a época. Ele era até bem tranquilo e

ficava na sua. Nem imagino por que decidi puxar conversa com ele.

Seu nome, não me recordo. Conversamos por cerca de meia hora. Meu ônibus chegou, fui embora, e ele continuou por lá, como se tivesse realmente todo o tempo do mundo à sua disposição.

Sei que o que vou narrar nem meus familiares e meus principais amigos vão aceitar como verdadeiro. Mas hoje, quarenta anos depois, já não me importo. Para mim, tudo o que ele contou fez e faz sentido. Aconteceu e é a pura verdade!

Posso garantir que ele foi com a minha cara. Disse que não costumava falar daquelas coisas, mas que não se importava, já que ninguém acreditava mesmo...

O chamaremos de passageiro misterioso, passageiro de uma rodoviária passageiro do tempo. Contou-me que tinha chegado há cinco dias e sua missão era descobrir onde estava uma pessoa. Uma pessoa que tinha viajado no tempo e, de repente, parado de se comunicar.

Como era um caso recente, disse-me que não podia dar mais detalhes, mas que, vendo meu interesse pelas viagens no tempo, contaria apenas três casos, todos antigos. Claro que não me disse de que ano viera, mas me garantiu que essas viagens já eram seguras, e que teve um tempo em que os cientistas do futuro não tinham tanta certeza de que daria tudo certo.

Como podia dar muita coisa errada, os primeiros viajantes do futuro para o nosso tempo eram prisioneiros – e da pior espécie. Assim, se morressem durante a experiência, não iriam fazer falta, justificara. O primeiro caso que me contara foi justamente do personagem a que acabamos dando o nome de Jack Estripador, um pseudônimo muito conhecido para designar o fa-

moso assassino em série, até hoje não identificado, que atuou na periferia de *Whitechapel*, distrito de Londres, por volta de 1888.

Meu interlocutor explicou que não havia gostado nem um pouco quando souberam que o viajante escolhido na penitenciária tinha cometido ao menos cinco horríveis crimes durante sua viagem ao passado. Ele permaneceu em nosso tempo de 1888 até 1891, mas, na realidade, o tempo real não tinha passado de vinte e três dias.

O outro caso que me foi narrado é o de uma mulher assassina em série que também desapareceu depois de ter tirado a vida de diversas pessoas. Belle Gunness “apareceu” em 1908 em Chicago, com 21 anos. A triste realidade, como pudemos ver, é que, por causa dessa experiência no tempo, muitas mortes acabaram acontecendo.

Já o terceiro caso de que acabei tomando conhecimento não envolveu morte. Se bem que foi um caso inverso, vamos dizer assim. Ninguém foi trazido para o nosso tempo, mas, sim, levado de nossos dias para uma data futura. O caso envolveu nada mais, nada menos do que a famosa escritora Agatha Christie, criadora do famoso detetive belga Hercule Poirot e autora de mais de oitenta obras de suspense. No ano de 1926, ela desapareceu misteriosamente. Seu sumiço levou onze dias, até que Agatha simplesmente surgiu em um hotel em Yorkshire. A Rainha do Crime preferiu manter o mistério e nunca explicou o motivo de seu desaparecimento. Muito provavelmente porque sabia que não adiantaria contar a verdade, já que ninguém acreditaria.

Quatro décadas depois dessa conversa no litoral sul paulista decidi narrar o que aconteceu. Confesso que

não sei se você que me lê está dando crédito a estes fatos. Mas eu acredito e ponho fé. Aconteceu e foi a pura realidade.



Humberto Domingos Pastore

CADEIRA 19 – DOM AQUINO CORREA



Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Nasceu em 16 de junho de 1975, em São Caetano do Sul, São Paulo. Bacharel em Administração de Empresas e Especialista em Finanças, diplomou-se, também, em Produção e Gestão Cultural. Foi membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul de 2013 a 2016, tendo atuado, por meio de funções consultivas, deliberativas e normativas, em trabalhos culturais e serviços prestados à historiografia de São Caetano do Sul e da região do Grande ABC. Poeta e escritor, escreve desde 1990, contando com vasto acervo poético. Participou de antologias literárias (A Forja da Liberdade, Paixão e Amor na Literatura, A Árvore da Vida, Best Seller 2004 e Idiossincrasias), livros (Cantos e Recantos e Cúmplices da Poesia) e revistas (Raízes – Números 30 e 47). Publicou cinco livros de poesia: Os Poetas do Meu Canto (2012), Poesia em Quatro Atos (2014), A Flor de Minas e a Janela dos Dias (2015), Alma de Mim (2016) e Fazendeiro do Tempo, Mensageiro do Ar (2020). Escreveu, também, alguns contos, tendo editado um em antologia (Contos Cotidianos).

A Lição

SÉRGIO BALLAMINUT

Em renomada universidade de São Paulo, aula de Comunicação e Expressão tomava lugar em uma das muitas salas da faculdade de Letras. Não menos de noventa alunos dividiam o vasto e arejado ambiente, devidamente iluminado por amplas janelas dispostas ao longo de sua lateral esquerda. O interesse era total, não obstante a professora da disciplina, Doutora – como gostava e exigia ser chamada – Catarina, não ser do agrado geral. Considerada pela maioria dos alunos arrogante e antipática, fazia do tablado abaixo da lousa um verdadeiro pedestal. Podia deter uma ampla gama de conhecimentos, mas deixava muito a desejar em termos de didática e, sobretudo, relacionamento interpessoal. Faltavam-lhe humildade e compreensão do real sentido da docência. Mas não se lhe poderia atribuir toda a culpa disso. Ela também ali houvera estudado muitos anos antes e replicava agora os exemplos errados que aprendera na juventude acadêmica. O grande culpado era o sistema. Ainda bem que havia, por parte de diversos alunos e também de alguns poucos professores, o senso crítico necessário à ruptura de paradigmas como esse, totalmente contrários ao propósito do processo de ensino-aprendizagem.

O curso transcorria e, professor a professor, aula a aula, com raríssimas exceções decentes – quero dizer, docentes –, a cena se repetia. Refém de um sistema falido, a maior parte dos “doutores” daquela instituição, suposta a propor frequentes reflexões sobre sua área de atuação, não era, contudo, capaz de se permitir ao questionamento da própria conduta, retroalimentando, assim, um círculo vicioso.

Os anos passavam e, com as experiências cotidianas, aquela comunidade acadêmica aprendia, pouco a pouco, a lidar melhor com as exacerbações de ego. É como se diz: se não se pode, ao menos de uma hora pra outra, mudar uma situação, há que se mudar a forma de se lidar com ela, tornando o convívio suportável. Era o que se tentava fazer ali. E se conseguia em alguma medida.

Professora Doutora Catarina Munhoz – o horror de todos nós, como um aluno mais espirituoso dizia para os colegas – era exigente e inflexível. Com ela, não tinha negociação. Tal postura acabava por gerar o repúdio dos estudantes. E em toda sala onde a “megera” lecionava uma disciplina, era a mesma coisa. O resultado não podia ser outro: reprovação em massa.

Certa feita, organizou-se até uma comissão discente representativa das várias turmas para as quais Catarina lecionava, a fim de se levar ao conhecimento da coordenação do curso a insatisfação geral com a docente. Mas, dado o alto índice de corporativismo da categoria, de nada adiantou. Os alunos não sabiam mais o que fazer.

Catarina, ao tempo em que figurava como o terror estudantil, por outro lado demonstrava, em sua vida particular, grande afeto maternal. Divorciada do ex-marido, era ótima mãe. Tinha um filho – Vítor – que contava agora dez anos. Inteligente e aplicado. Simplesmente, o seu orgulho.

Catarina fora casada por oito anos com João Paulo, que, desde pouco depois do divórcio – nada amigável, diga-se de passagem – vinha brigando na justiça pela guarda do filho. Sem êxito algum em todas as instâncias pelas quais o processo já houvera tramitado, inclusive.

Novos dias, novas aulas, novas provas, e o “cão chupando manga” – como alguns a ela se referiam – atacava outra vez. Já estavam todos no limite. Era preciso tomar uma ação definitiva. Foi quando Guilherme, integrante da comissão discente, teve uma ideia e resolveu convocar o grupo para uma reunião.

Guilherme, não bastasse ter assistido ao filme, houvera lido “O Vendedor de Sonhos”, livro do psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor Augusto Cury, que narra a história de um personagem desconhecido e maltrapilho que impede um renomado professor universitário de se suicidar e o ajuda a reencontrar o seu sentido na vida. E achava que essa era a lição de que a Doutora Catarina necessitava para “baixar a bola”. Mas como convencê-la a ler o dito romance? Achavam impossível.

Após longa “tempestade de ideias”, ou, como na expressão inglesa original, *brainstorming*, eis que se delineou uma possível solução para o caso. Obrigariam-na a se inscrever em palestra sobre o livro, a ocorrer em data próxima, e a participar efetivamente do evento. Como? Aí é que estava. Anonimamente, ameaçariam sequestrar o que a professora tinha de mais precioso na vida: seu filho. Sabiam da criança por fotos que já tinham visto em porta-retratos na sala dela. Fariam-na acreditar que o garoto seria sequestrado se ela não se inscrevesse na palestra, não a assistisse ou não comprovasse sua participação nela. Precisavam discutir os detalhes, mas já estava decidido. Era o que fariam.

Só lhes preocupava o fato de que, do jeito que Cata-

rina era, estando envolvida a integridade de seu filho, certamente acionaria a polícia de imediato. Tinham que se proteger. A ameaça não poderia deixar rastro ou levantar suspeita.

Disparariam as mensagens necessárias a partir de computadores de *lan houses* que não se localizassem próximo ao campus universitário, nem a casa de nenhum deles. Não possuíam o endereço da docente e precisariam se expor para tentar descobri-lo. Assim, preferiram criar uma conta de e-mail pela qual fariam toda a comunicação: `vocecomseufilho@gmail.com`

Tudo acertado, partiram, então, pro ataque.

Guilherme, que já era maior de idade, além de bom leitor, dirigia muito bem. Acompanhado de Paulinho, ficou na espreita da professora e viu quando ela tomou seu carro, após a última aula da manhã, para buscar o filho na escola, que ficava a poucas quadras da universidade. Seguiu Catarina a certa distância e estacionou longe, mas suficientemente perto para poder tirar fotos dela saindo com a criança. Ninguém os viu. O propósito deles era encaminhar-lhe as fotos em anexo ao primeiro e-mail, cujo envio dar-se-ia em seguida. Era a próxima etapa.

Chegando a uma das *lan houses* escolhidas para a execução do plano, acomodaram-se em um dos vários computadores disponíveis e se puseram a elaborar o e-mail:

“Catarina, sua casa caiu. Estamos de olho em você... e no seu filho:

Fotos

Se não quiser que nada de mal aconteça ao garoto, terá que colaborar. E nem pense em envolver a polícia, se não...”

E enviaram-no.

Pouco tempo depois, Catarina, antenada em tudo que se referia a seu trabalho, foi verificar sua caixa postal em busca de novos e-mails. E não deixava de visualizar nem os *spams*, uma vez que podia encontrar ali um contato inicial de interesse. E, nessa empreitada, eis que se depara com assunto nada convencional para uma mensagem eletrônica: Se liga, Catarina! Assustou-se, mas firme, abriu o fatídico e-mail. Ao lê-lo, ficou branca de pavor. Meu Deus, e agora? O que fazer? Apesar de seus atributos negativos, se Catarina tinha uma qualidade, era a inteligência emocional. Não se deixava abalar facilmente, mesmo diante de situações mais tensas, como a que enfrentava então. E minutos depois, já restabelecida, decidiu que não se precipitaria. Aguardaria novo contato dos ameaçadores. A propósito, quem seriam eles? – Começou a pensar. Quem estaria por trás disso? Meu ex-marido? Chegaria ele a tal ponto?

Mais tarde, em outra *lan house*, Guilherme, ora na presença de João Ricardo, outro integrante da comissão discente, elaborava novo e-mail para Srta. Munhoz, a “professora-algoz”, como também se referiam a ela:

“Catarina, preste muita atenção nas instruções que lhe daremos.

Você acessará o link a seguir, que aponta para a página da palestra “O Vendedor de Sonhos”, e fará sua inscrição no evento. Ao efetivá-la, gerará um arquivo pdf da confirmação e, ao efetuar o pagamento, outro do comprovante, e nos enviará os dois.

Link

Assistirá à palestra, prestando muita atenção em seu conteúdo e, até às 12 horas do dia seguinte, enviará, também, arquivo pdf do seu certificado de participação.

E nem tente nos enganar, ou seu filho será sequestrado e levado para o cativoiro que já lhe preparamos!”

No início da noite, Catarina visualizou o novo recado. Tinha medo de envolver a polícia. Não lhe restava senão obedecer às ordens que lhe eram dadas. Fez tudo conforme as orientações recebidas. Depois, por curiosidade, procurou por melhores informações sobre o livro no qual se embasava a palestra. Nunca houvera feito leitura alguma nessa área do conhecimento. Pareceu-lhe até interessante.

Chegado o dia e horário da palestra, lá estava Srta. Munhoz, já acomodada na confortável poltrona escolhida quando da sua inscrição no evento que em breve teria início.

A palestra transcorreu tranquila e interessante. A ponto de provocar-lhe reflexões às quais não poderia jamais imaginar que seria conduzida. Já muito intrigada com o bom propósito das ameaças que lhe vinham sendo feitas, intuiu que alunos seus deveriam estar por trás delas. Mas muito mais envolvida pelas reflexões do que pela curiosidade em descobrir os autores do feito, nem se preocupou com isto. Seguiu a casa e, conforme lhe foi solicitado, escaneou e enviou o seu certificado de participação.

Satisfeitos em ter a professora correspondido às suas ordens, os alunos da comissão resolveram cessar o envio de e-mails em tom de ameaça. Mas enviariam uma última mensagem só para tranquilizá-la:

“Parabéns! Você salvou seu filho!”

Dada a recém-assistida palestra e o bem que dela lhe resultou, sentiu vontade de ler o livro que ensejou o evento. Buscou-o no site de uma grande livraria virtual. Foi quando descobriu se tratar de uma trilogia, a Trilogia O Vendedor de Sonhos. Compraria a obra completa. Estaria de férias por três semanas a partir do dia seguinte. Tempo suficiente para a chegada dos livros e sua leitura. E assim foi.

Após as férias, outra Catarina retornou às salas de aula. Não havia quem não percebesse. A mudança era notória. Tornou-se uma das mais queridas professoras daquela instituição. Fora aprendida a lição.



Sérgio Ballaminut

CADEIRA 20 – MÁRIO DE ANDRADE



Hildebrando Pafundi – Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 23 cujo patrono é Tristão de Athayde. Nasceu em São Paulo, Capital. Estudou, exerceu diversas profissões, antes de se dedicar ao jornalismo e a literatura. A partir de 1963 foi colaborador da antiga *Folha do Povo* e de diversos outros jornais e revistas, publicando nesses órgãos, os primeiros contos e crônicas. Começou a trabalhar como jornalista profissional em 1968, no *Diário do Grande ABC*, passando depois pela *Folha Metropolitana*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, sendo que nos dois últimos permaneceu mais de vinte anos, atuando como repórter e fotógrafo. Trabalhou ainda no jornal semanário *Gazeta do ABCD* como jornalista responsável, repórter e editor, e exerceu também a função de assessor de imprensa no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André; na Associação e Sindicato dos Gráficos do Grande ABC e Baixada Santista (patronal) e na ONG mista das Prefeituras da Região, Consórcio Intermunicipal Grande ABC, onde se aposentou como jornalista no ano 2000, mas permaneceu trabalhando até 2007. Nessa mesma data, 2007, iniciou no jornal virtual *Clique ABC*, do jornalista Léo Júnior, a coluna *Esquina Descontraída*, onde publicava crônicas, artigos e resenhas de livros e notícias literárias e culturais, entre outras.

Muros e Sonhos de Areia

HILDEBRANDO PAFUNDI

O jovem Robervaldo, de 19 anos, que morava na cidade de Cubatão, na Baixada Santista, estava passeando de bicicleta na quase vizinha Praia Grande. Ele gostava de ir a essa localidade, talvez porque ninguém o conhecia e encontrava mais felicidade para fazer uso de drogas, em especial maconha. Além disso, é maior, com mais movimento nas ruas e nas praias, frequentadas por turistas e visitantes de final de semana, mesmo com a desvantagem de ter muitos policiais nas vias públicas.

O menino Arlindo, que se julga quase jovem nos seus dez anos de idade, também gosta dessa praia, onde costuma passear com a família. Esquece, no entanto, que já gosta de ser gente grande e encontra facilidade na construção lúdica de palácios, muros e sonhos de areia e adora outras brincadeiras, que os adultos acham que são mais apropriadas para crianças.

Estavam ali na praia: a mãe Ivone ajudando seu filho Arlindo na mágica construção de um palácio de areia, que precisava ser cercado com muros do mesmo material para não ser invadido pelos inimigos do rei.

Não bastava a casa onde moravam ser protegida por um muro alto, havia também cerca elétrica e cacos de vidro na superfície, para evitar a invasão de marginais e de assaltantes.

As escolas e os hospitais tinham muros parecidos com os das prisões e dos quartéis. Aqueles já faziam parte da paisagem urbana de quase todas as cidades. Agora, nas brincadeiras da praia, também, as crianças estavam imitando a realidade, murando os efêmeros e frágeis palácios construídos com a fina areia da praia. Muros, cercas e grades passaram a fazer parte do medo cotidiano.

Robervaldo não era nenhum santo, mas nunca matou ninguém. Só usava droga e achava que era natural ser viciado na maconha. Alguns amigos dele preferiam o cigarro normal de papel, vendido legalmente nos bares e padarias. Começou com dezesseis anos, influenciado por colegas da escola. Foi o que ele revelou, logo depois de começar a conversar com Ivone.

O revólver apontado para o rosto da jovem mãe, cujo filho conseguira fugir para perto dos familiares e amigos que estavam nos quiosques.

Para não chamar a atenção, assim pensava Robervaldo, que se aproximara a pé, disfarçado de banhista, deixando a bicicleta que talvez fosse roubada, em local um pouco distante da praia. Agora estava dizendo a Ivone que só precisava de um pouco de dinheiro para comprar maconha e que não seria violento. Nunca matara ninguém, apenas praticava pequenos furtos. Disse que nem a maltrataria, só porque ajudou o filho a fugir para perto dos quiosques, assim que o avistara. E também não julgaria de uma inocente criança.

Ivone pedia que ele tivesse muita calma e se entregasse porque a Polícia Militar, com uns trinta soldados, estava cercando aquele pedaço da praia. Ela tremia de medo, porém disfarçava e rezava em silêncio para os santos de sua devoção, pedindo proteção divina e, ao mesmo tempo, prometia entregar todo o dinheiro que estava na sua bolsa, ali no quiosque.

Um PM conseguiu chegar mais perto e o jovem ficou indeciso, não sabendo se atirava na refém que ele agora

abraçava por trás, com a ponta do revólver encostada na nuca, ou no policial, que aproveitou essa hesitação do sequestrador para conversar, tentando negociar e convencê-lo a entregar-se, para que, assim, ninguém saísse ferido.

Mas Robervaldo não estava com disposição para se entregar e como se encontrava mais perto do mar, que estava calmo, teve a ideia de exigir uma lancha para fugir após libertar a moça. Enquanto conversavam, mais policiais foram se aproximando do sequestrador e do palácio de areia com seu muro de proteção quase concluído. Estava faltando pouca coisa para ficar pronto.

Outros policiais protegiam as famílias e suas crianças que estavam nos quiosques das proximidades, tentando evitar o pânico.

Os veranistas que avistavam aquela estranha movimentação de policiais, mas se encontravam distantes da cena, com medo, se afastaram mais ainda e muitos até saíram da praia. Entravam em barzinhos e outros estabelecimentos comerciais que começavam a baixar as portas de aço, pois temiam uma possível troca de tiros, invasões e roubos de mercadorias.

Robervaldo, que já estivera preso por tráfico de drogas, havia dito a Ivone e aos policiais militares que não se entregaria. Preferia morrer. E ameaçava, dizendo que mataria muita gente. Poderia ser morto, mas repetia que jamais seria preso novamente e nem iria se entregar espontaneamente.

Maré baixa. Silêncio. Mar calmo. De repente, ouviu-se um disparo e o corpo do jovem Robervaldo tombou, demolindo o palácio, desmanchando e pintando com o vermelho do sangue os sonhos e os muros de areia construídos pelo menino Arlindo, que assistia tudo à distância, nos braços protetores do pai.



Hildebrando Pafundi

CADEIRA 23 – PATRONO TRISTÃO DE ATHAYDE



Alcidéa Miguel de Souza, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 25, cujo patrono é Vinícius de Moraes e da Academia de Letras e Arte de Praia Grande, ocupa a Cadeira 16, cujo patrono é Cecília Meireles. Nasceu em Vitória – ES, em 1962. Casada, três filhos. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D’Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Professora de Educação Infantil e Ensino Médio. Pós graduada em Arte, Educação e Cultura. Estudou na Fundação das Artes em São Caetano do Sul — São Paulo —, saxofonista formada por esta instituição. Formada em regência, violão, violino e canto. É conferencista, ministra palestras sobre temas que abrangem artes e música. Contadora de histórias e escritora. É autora dos livros: Ainda há tempo para a esperança; Ser Mulher; Um amor feito tatuagem, Sampa Eu também chorei na escola; Cadernos Negros e O artista é você e participou de vinte e cinco antologias, no Brasil e Portugal.

O Nome da Realidade

ALCIDÉA MIGUEL

Após dois meses e meio de quarentena, em meados de maio de 2020, o Brasil seguia as orientações da Organização Mundial da Saúde e as ações do governo estadual de São Paulo para conter o então ainda novo Coronavírus e a Covid-19. Todos permaneciam em casa.

Isso ocorria também na casa de Telma. Professora, precavida e disciplinada, logo providenciou os materiais preventivos, como álcool em gel e máscaras.

Era domingo. Após o café da manhã, seu esposo Carlos assistia às aulas online, seus filhos jogavam videogame e ela fazia crochê. O telefone tocou e a tela mostrou o prefixo de Fortaleza, Ceará.

— Ah, nem vou atender. Deve ser telemarketing!

O toque do telefone insistiu. Telma resolveu atender.

— Alô, quem fala?

— Aqui quem fala é o professor Lester. Quero falar com Telma Pitanga.

Ela ficou surpresa com a apresentação e quase caiu ao chão.

Respondeu com voz compassada:

— Professor Lester?

A chamada lhe permitiu voltar ao passado, fazendo uma retrospectiva de 42 anos.

Telminha cursava o 1º ano do Ensino Médio. A sorridente adolescente era magra, alta, afrodescendente e ocupava o cargo de presidente do grêmio escolar. Violonista e membro de uma família de músicos, era a regente do coral do colégio. O grupo com cem coristas ensaiava duas vezes por semana no auditório da escola e cantava música popular brasileira. O grupo sobressaía-se, fazendo muitas apresentações dentro e fora da escola, representando a força estudantil em eventos de inauguração de escolas, lojas e bancos. Os professores amavam ouvir o grupo cantar. Alguns deles ingressaram no coral; e, com grande alegria, a regente recebeu também o professor Lester. Os alunos gostavam muito dele por suas aulas dinâmicas e ser o mestre mais jovem. Enquanto os alunos tinham por volta de 17 anos, ele havia completado 19 e cursava o 2º ano de Sociologia.

Estatura média, ruivo, óculos para alto grau de miopia, chamado pelos populares de “lentes fundo de garrafa”, estava sempre sorrindo.

Lester se encantou com Telma. O tempo todo estava perto dela, auxiliando-a. Tinha boa voz e ajudava na sugestão do repertório.

Procurou saber o endereço dela e um dia apareceu em sua casa sem que a aluna o esperasse. Foi uma boa surpresa! Ela ficou feliz, porque já se sentia apaixonada pelo professor de História, seu corista preferido. Trocavam olhares apaixonados, passavam muito tempo segurando as mãos um do outro, com olhares amorosos, mas havia uma razão muito forte que os impedia de entregarem-se ao amor integral: além de se esforçar para cumprir a ética de não se envolver com uma aluna, ele era seminarista. Estudava para ser padre. Havia feito o juramento de não se envolver com mulher e ser casto.

Ambos sabiam que a união deles era proibida, mas o amor os consumia. Arranjavam pretextos para estarem perto um do outro. Como Lester auxiliava o padre na liturgia, convenceu-o a deixar Telminha tocar violão nas missas. O padre permitiu.

O casal ensaiava um dueto na casa dela semanalmente. A música preferida era “Belo”, que dizia em sua letra: “à espera de mim, existe alguém...”. A família ouvia o ensaio, que durou por nove meses, até o fim do ano letivo.

Certa tarde de ensaio, envolveram-se em olhares apaixonados, o professor segurando carinhosamente as mãos de Telma. Sentindo-se encorajada, declarou do fundo do coração: “Lester, eu te amo! Não posso mais viver longe de você”.

Ele correspondeu com um carinhoso abraço, olhou profundamente nos olhos da mulher amada, com sede de beijá-la. Ela fechou os olhos e foi ao encontro dos seus lábios. Um beijo cheio de amor os envolveu. Tantos abraços, carícias, até que ele interrompeu o momento encantador:

— Meu amor, minha querida, eu a amo muito. Mas, por favor, compreenda, não posso quebrar o voto que fiz. Me entreguei integralmente para o serviço do Reino de Deus. Não posso retroceder. Estou sofrendo muito. Meu coração está despedaçado. Eu te amo tanto!

Os dois choraram inconsoladamente. Abraçados, ficaram tentando eternizar ao máximo aquele momento sublime. Lester foi para casa. O lamento perdurou por muitos dias. Faltavam duas semanas para o término das aulas. Eles ainda tinham atividades agendadas; por outro lado, Telma era aluna dele. Havia aulas e provas ministradas pelo professor. Olhavam-se no fundo do coração. As lágrimas corriam pelo rosto. O amor florescia no coração. A tristeza de não poder viver esse amor os corroía.

Findo o ano letivo, Lester transferiu-se daquela esco-

la. Precisava fugir do perigo. Não poderia quebrar o voto. Ela cursou o último ano. Por onde passava, lembrava-se dele. Quando regia o coral, cada música ouvida a motivava a chorar.

Nunca mais ela ouvira falar do seu amado professor de História. Perderam o contato.

Ela se formou no ensino médio. Logo após, ingressou na faculdade de Letras em São Paulo.

Viajou em excursão para Serra Negra, São Paulo, organizada pela empresa onde o pai trabalhava, e lá conheceu Carlos. Foi “amor à primeira vista”! Com ele namorou e casou-se em dois anos.

Em casa, naquela manhã, o telefone nas mãos, o coração pulsava. No ouvido, é como se vibrasse a canção do infinito, tamanha era a emoção ao falar com o professor Lester. Tantas lembranças! Chorando, perguntou:

— Mas, professor, como me encontrou?

— Telma, te procurei por 39 anos! Nunca te esqueci. Quando lecionei para sua turma e cantei no coral, era minha primeira experiência no magistério. Aprendi muito com o grupo. Com você, aprendi a ser persistente, otimista, grato, organizado; que eu poderia chegar aonde cheguei. Tudo o que sou, inspirei-me em você. Procurei-te muito por todo o mundo! Olhava nas redes sociais, no Google... Sabe que te achei na sua página de trabalho e deixei uns recados, esperando ansiosamente por uma resposta? Achei seu número na internet. Estou muito feliz por estar falando contigo, menina!

Telma, emocionada, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, respondeu:

— Ah, como eu te amei, Lester! Chorei muitos anos por você! — Sorrii. — Mas passou. Sou feliz com a minha família! Atualmente, sou professora aposentada de Literatura, escritora, casada com Carlos e mãe de dois filhos.

— Eu te amei muito também! Mas estava confuso na época. No final até desisti da batina. Não sou padre, acredita?

— Sério?! — admirou-se Telma.

— Verdade. Cursei até o 4º ano do seminário católico e desisti. Conclui o curso de Teologia; fiz ainda faculdade de Psicologia e de História. Atualmente sou aposentado, leciono na rede privada e sou psicólogo voluntário, recuperando dependentes químicos. Moro em Fortaleza. Casei-me duas vezes. Tivemos um filho que morreu aos 16 anos em um acidente. Ele nos trouxe muitas alegrias. Gustavo, inesquecível!

— Você mora com sua esposa, Lester? — perguntou Telma.

— Não, Telma. Sou divorciado.

— Sinto muito.

— Não tenho dom para o casamento. Não me iludo, sabe... Quando percebo que algo não dará certo para mim, já coloco os meus pés no chão. — Sorriu. — Cuido da minha mãe. Ela tem 89 anos — continuou o professor com entusiasmo. — Tenho te acompanhado nas redes sociais. Curto seus lançamentos literários e musicais. Parabéns! Que legal, hein! Casada há tanto tempo e gerou filhos brilhantes! Gostaria de manter nossa amizade.

— Também estou muito encantada falando com você! Contarei a novidade para todos. Ganhei um grande presente nesta quarentena. Agora não nos perderemos mais, seremos amigos para sempre.

— Sim, com certeza! Vamos recuperar o tempo perdido. Abraços! Venham nos visitar em Fortaleza.

— Amei falar contigo! Tchau, professor.

Após uma hora de conversa, Telma refletiu:

— Puxa vida, que bacana, hein! Em plena pandemia aconteceu algo tão bom!

“Se os olhos da alma estiverem abertos no dia da tempestade, seremos capazes de enxergar o que há além das montanhas.”

Durante o almoço, contou à família sobre o contato que teve com o professor de História. Todos vibraram! Seguiram com a amizade, trocando mensagens semanalmente.

Passaram-se dois anos. Certa manhã Telma enviou-lhe uma mensagem. Após 24 horas sem resposta, preocupou-se, porque costumeiramente ele respondia prontamente. Após quatro dias tentou telefonar-lhe. Sem resposta, deixou outro recado pedindo notícias. Silenciou. Sete, oito dias. Telma resolveu telefonar-lhe e o telefone chamou, sem contestar. No nono dia uma voz diferente atendeu, identificando-se por Nildo.

— Alô, quem fala?

— Sou Telma, aluna do Lester. O que houve com ele que não responde?

— O professor está muito doente, com uma infecção nas pernas, internado há uma semana. Precisou ser entubado por complicações! Reze por ele, por favor!

Aflita, compartilhou com a família para que orassem por ele. A preocupação durou 25 dias. Ela sempre falava com Nildo para atualizar as notícias do professor e a mãe, sob os cuidados de vizinhos.

Numa manhã de sábado, Telma acordou e lá estava a triste notícia do falecimento do amado professor de História, postada por Nildo. “Senhora, ele não resistiu. O velório está sendo agora.” A tristeza a consumiu. Nada falava. Só as lágrimas a banhavam, externando o sentimento do seu coração. Mais um amigo partiu, em meio a tantas notícias de morte, em meio à pandemia.

Ele deixou o grande exemplo de um homem que renunciou às ilusões em cada etapa da vida. Quando perce-

bia algo fora do seu chão, longe da sua realidade, já rompia, abraçando a veracidade. “Tchau, ilusões! Que venha o que há de mais real!”, assim declarava.

Ele partiu sem que se abraçassem pessoalmente, mas compartilharam o que estavam construindo. A partida poderá ser assim, como aconteceu com eles: distantes e ao mesmo tempo conectados pelo coração.

“Às vezes não percebemos a grandeza de cada momento vivido; mas, quando recordamos, percebemos o quanto nos foi valioso, compondo assim a canção do infinito.”



Alcidéa Miguel

CADEIRA 25 – VINICIUS DE MORAIS



Eva Bueno Marques, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 26, cujo patrono é Cecília Meireles, desde junho de 1983. Nasceu em Conceição da Aparecida-MG. Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas — MG. Aposentada pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de Literatura, participou do Seminário sobre os cem anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na USP, com a filha e a neta da poetisa. Mestre de Cerimônia em vários eventos. Declamadora, se apresentou em dois recitais de poesia na cidade de São Caetano do Sul em 1994 e 2005. Artigos publicados em Antologias e Revista *Raízes* da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde é membro do Conselho Diretor desde 1997. Artigos publicados na Revistas *Tamises* da Algrasp. Trabalhos publicados em jornais da região e de cidades do Estado de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios. Membro suplente do Conselho Municipal de Cultura do município, na área de Literatura.

Destino Cruel

EVA BUENO MARQUES

Celina, uma bonita e simpática jovem sonhadora do interior de Minas, morava com sua irmã mais velha Delma e sua mãe, Dona Lucinha, que havia enviuvado há alguns anos e só tinha agora as duas filhas para amparar-lhe em sua doença.

Celina estudava no Colégio das freiras e Delma fazia doces sob encomenda; aliás, ela não vencia os pedidos, pois era excelente doceira.

Cidade pequena, precários serviços de saúde naquela época dos anos sessenta do século passado, Dona Lucinha não encontrava nenhuma possibilidade de conseguir melhorar das fortes dores que o câncer lhe trazia. Ainda não se ouvia falar em quimioterapia. Foi um árduo período de sofrimento para ela e para as filhas, que a assistiam com toda dedicação e carinho, mas que nada podiam fazer para amenizar o terrível mal-estar físico de

sua mãe. As noites eram longas e sofridas com os queixumes dela, que, cada vez mais, ia se definhando. As vizinhas, muito amigas, nunca deixaram de colaborar com visitas e orações.

Mas, quando chega o momento da partida, não há como impedir a vontade de Deus. Após dois anos de luta em vão, Dona Lucinha descansou daquela penosa vida de dores.

As filhas ficaram desoladas. A única coisa que as confortou foi saber que sua mãe estava com Deus e não padecia mais daquele sofrimento que deixara ambas angustiadas.

Com o passar do tempo, a vida das duas irmãs foi tomando o seu rumo, aquietando-se na rotina do dia a dia. Celina terminou o curso Normal um ano depois e logo já conseguiu uma vaga para lecionar na Escola Estadual. Delma continuava a fazer seus apetitosos tachos de doces.

Tinham elas uma tia muito querida que morava em São Paulo, Elvira. Sabendo de tudo que as sobrinhas tinham passado com a doença e morte da mãe, Elvira as convidou para passarem as festas de fim de ano com ela e, assim, espaiçarem um pouco, mudando de ares. As duas irmãs gostaram muito do convite, prepararam as malas e, no dia combinado foram para São Paulo, com grande alegria.

A anfitriã ficou radiante com a chegada das sobrinhas, as quais não via há uns cinco anos. Fez de tudo para que a permanência delas em sua casa fosse a melhor possível. Na véspera de Natal, caprichou na ceia e nos enfeites da mesa. Queria que fosse uma noite inesquecível aquele encontro de família.

Elvira tinha uma vizinha de muitos anos com quem fizera muita amizade, considerando-a como uma pessoa da família, tal a proximidade delas. Como de costume, em todas as festas comemorativas do ano, sendo só, convidava a amiga para vir comemorar com ela, a qual era

viúva e tinha apenas um filho solteiro que com ela morava e sempre vinha com a mãe para aproveitar os quitutes da Dona Elvirinha, como ele a chamava.

Assim, a noite transcorreu serena, inundada pela paz que inspira e iluminada pelos sorrisos de alegria de todos os presentes. O filho da vizinha era um moço muito atraente e educado, Júlio era o seu nome. Ele era gerente de um banco em São Paulo, muito namorador, mas nunca se interessara de verdade por nenhuma jovem que pudesse ser sua companheira de vida.

Júlio e Celina se encantaram um com o outro e a noite foi curta para tantos assuntos. Parecia que se conheciam há muitos anos tal a sintonia que os aproximou.

Nem se faz necessário dizer que os próximos dias tiveram uma intensa programação de passeios, pizzas e cinemas. No dia em que elas foram embora, foi Júlio que as levou à rodoviária e lá mesmo deixou marcada viagem à sua cidade para passar o Carnaval, que, segundo disse Celina, era muito animado. Só que a animação de Júlio era rever Celina, por quem estava muito interessado e sentia que era correspondido.

Foi naquele Carnaval que começaram a namorar, e um grande amor veio coroar a forte atração que sentiam um pelo outro desde a noite do Natal, quando se viram pela primeira vez.

Daí em diante, Júlio viajava mensalmente para visitar Celina, que o recebia com muito carinho. As cartas trocadas eram muito apaixonadas, falando de amor, saudade, da ansiedade do reencontro e dos planos para que a união dos dois se concretizasse logo.

Um ano se passou e, nesse ínterim, Júlio comprou um apartamento e começou a montá-lo, pois desejava se casar logo. A distância da amada lhe aborrecia muito.

Também Celina tinha dado andamento em seu enxoval, e cada peça que guardava em seu armário era um registro de felicidade.

Até que chegou uma carta de Júlio dizendo que, na sua próxima ida, iriam ficar noivos, para que o casamento não demorasse a ser realizado.

Celina era a mais feliz das mulheres. Um sonho que ela iria realizar ao lado da pessoa amada. Sonhava com sua casa, os filhos que iriam ter, tanto a realizar... Afinal, a vida os esperava de braços abertos para saborearem juntos a taça da realização conjugal.

Aguardou-o ansiosa para o dia do noivado. Preparou uma festinha, convidou as amigas mais próximas. Sua irmã também estava contente em ver os olhos de Celina brilharem de alegria. Aquele sábado tão esperado não chegava nunca.

Júlio ia chegar no ônibus que sairia de São Paulo na sexta-feira à noite e chegaria na cidade de Celina pela manhã. Ela acordou bem cedo e com muita ansiedade foi esperá-lo na rodoviária.

Chegando lá, foi informada de que tinha ocorrido um acidente com o ônibus que vinha de São Paulo, numa curva onde fora fechado por um caminhão, e que houve muitos feridos e três mortos. Celina precisou ser amparada pois sentiu suas pernas tremerem e um esmorecimento ia tirar-lhe os sentidos. Seu coração, descompassado, parecia que ia parar. Não poderia ter acontecido um infortúnio desses... Mas tudo que ela não desejava, aconteceu. Júlio foi um dos três mortos. Aquele pesadelo transbordou de tristeza o coração da jovem, que tanto aguardava aquele momento de colocar no dedo a aliança do seu noivado.

O corpo do seu amado foi trasladado para São Paulo a pedido da mãe dele. A mala que ele levava foi entregue à Celina e ela pôde ver que dentro havia uma caixinha de veludo com um lindo anel de brilhantes e, junto, a embalagem das alianças. O cartão que acompanhava o presente não foi lido naqueles dias. Celina não teve condições psicológicas para lê-lo.

Celina, vítima de tanta infelicidade, nunca se conformou com esse golpe do destino. O anel permaneceu guardado na gaveta de sua penteadeira e nunca foi usado. Definiu-se entre lamentos e choros. Nunca se casou. Júlio foi seu único e verdadeiro amor. Ela cursou a faculdade de Letras e seguiu a vida com a bela profissão do magistério.

Quando o sonho é intenso e repentinamente se desmorona, a desilusão é duradoura. É como uma nuvem negra que escurece o dia repentinamente.

O cartão que ficou depositado na gaveta foi a prova do mais verdadeiro amor que nasceu, mas não pôde se concretizar pelas mãos do destino. E dentro daquele envelope ficaram guardadas as palavras que traduziam o sentimento mais puro e profundo de Júlio.

Sobre o desenho de duas mãos enlaçadas, ele havia escrito:

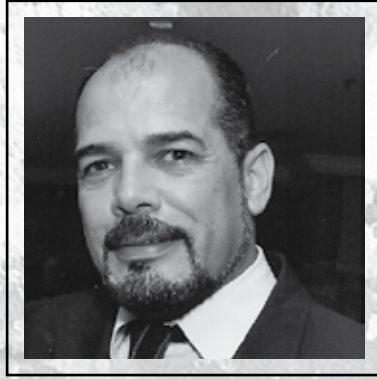
“Para minha amantíssima noiva que, de agora em diante, me ajudará a realizar meus inúmeros sonhos. Que a vida não permita que nenhum deles deixe de ser concretizado. Seu noivo que a ama e breve irá desposá-la para sempre. Júlio.”

Mas nem sempre o destino caminha ao encontro do coração e de longe, indiferente, acena com o lenço do adeus...



Eva Bueno Marques

CADEIRA 26 – PATRONO CECÍLIA MEIRELES



Roberto de Carvalho – Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 29, cujo patrono é Humberto de Campos. Nasceu no dia 2 de março de 1964, em Liberdade – MG. Em 1977, mudou-se para Angra dos Reis, RJ, onde viveu durante 27 anos. Atualmente vive em São Paulo. Poeta e escritor várias vezes premiados, é membro da Academia Guanabarina de Letras, do Ateneu Angrense de Letras e Artes e possui dezenas de obras próprias e mediúnicas publicadas pela editora Aliança, Boa Nova, Saraiva, Daya Editorial e Fundação Dorina Nowill. Sua lavra literária engloba poesias, romances, infanto-juvenis, contos e crônicas, com mais de 500 mil livros vendidos até meados de 2019. Por sua atuação no campo literário recebeu as seguintes distinções culturais: Comenda do Médio Cultural Brasil dos Reis, Láurea Cultural Colar de Cunhambebe e Moção de Aplausos pela Câmara Municipal de Angra dos Reis, dentre outros. Por várias vezes compôs a comissão julgadora de concursos literários realizados por diversas instituições culturais.

Memórias

ROBERTO DE CARVALHO

Começo estes registros sem saber ao certo se os conseguirei terminar. Minhas mãos estão endurecidas pela doença que vai aos poucos me consumindo. As palavras formam um desenho tremido, desalinhado, e os meus pensamentos, antes claros e convictos, são hoje apagados e confusos. Escrevo com a inevitável perplexidade de quem se olha demoradamente num espelho molhado, onde a imagem, distorcida pelo efeito da água, mostra mais rugas no rosto e mais opacidade nos olhos do que a aparência real.

É certo que envelheci mais do que devia. As amarguras da vida – tanto as que busquei quanto as que se projetaram sobre mim – tornaram-me precocemente velho, ou pior: amargamente velho.

Resta-me hoje a solidão irremediável dos insociáveis. Um catre macio num quarto asseado de paredes brancas e um criado-mudo de ébano, em cuja gaveta estão trancados os medicamentos de nomes complicados que me mantêm vivo e sobre o qual a foto desbotada da família que um dia tive sorri entre o retângulo horizontal da moldura. Lembranças remotas que o tempo insiste em dilapidar, tanto na antiga fotografia quanto no submundo de minha mente senil.

Nasci num vilarejo perdido no interior deste imenso país. Guardo de meu pai uma recordação anuviada, calada e ausente. Nunca fizemos o menor esforço para nos entendermos. Alimentamos reciprocamente uma incompatibilidade que nos levou a agir como se o outro fosse invisível, inodoro e insípido. De minha mãe não guardo nada, pois quis Deus que ela partisse para outras esferas antes mesmo que eu houvesse desmamado. Não tive irmãos.

Em minha infância, uma infinidade de mulheres frequentava nossa casa. Um dormiam por uma noite e desapareciam; outras demoravam um pouco mais, entretanto nenhuma durou tempo suficiente para conquistar qualquer espaço afetivo em minhas entranhas. Todas elas, assim como o meu pai, nunca passaram de sombras apagadas e disformes em minhas lembranças, como essas gravuras em marca d'água, que ilustram o fundo da página escrita sem interferir no primeiro plano. Não cultivei por eles qualquer tipo de sentimento. Jamais aflorou em mim um ínfimo pensamento de gratidão ou de revolta, perdurou apenas a insignificância.

Eu era ainda bem jovem quando meu pai morreu com o corpo precocemente corroído pelos excessos. Senti prazer e alívio, negar para quê? Enterrei-o numa cova rasa e contraí núpcias, tempos depois, com a filha de um líder religioso. Assumi a condição de pequeno agropecuário. Não possuía riquezas, mas o leite produzido pelo pequeno rebanho permitia-me sustentar, de forma digna e decente, a patroa e os nove filhos que concebemos. Tornei-me um sujeito honesto, trabalhador e honrado.

Mas quando eu começava a sentir a mão do tempo pesando sobre os ombros, fui procurado pelos três filhos mais velhos. Disseram-me que iam para a cidade grande, atrás de melhores recursos. Achavam que a vida na roça, além de dura e ingrata, era previsivelmente pobre. Entrei em desespero. Sem a ajuda deles, não poderia cultivar as terras e ordenhar o gado. Contratar camaradas era inviá-

vel com o pouco que se arrebanhava. As crianças menores só geravam despesa... A insônia rondou minha cama durante semanas, enquanto a empolgação dos rapazes crescia a olhos vistos.

Estava eu lamentando com o gerente da fábrica de laticínios, onde fora buscar o cheque magro do fornecimento de leite, quando soube da novidade: o governo federal estava oferecendo empréstimo num programa de incentivo à produção rural. Dinheiro limpo, em boa quantia, com juros irrisórios e carência de um ano para o vencimento da primeira fatura.

Voltei empolgadíssimo para casa. Chamei meus filhos e assegurei-lhes que não precisariam mais ir embora. Daquele dia em diante as coisas iriam mudar.

Vencidos os trâmites burocráticos, o empréstimo foi aprovado de forma relativamente fácil. Deveria tê-lo acompanhado um funcionário do governo para orientar na aplicação do capital, mas este nunca deu as caras. A conta bancária, antes tão magra, engordou de tal forma que o gerente do banco – que mal me conhecia – chamou-me ao escritório, ofereceu-me cafezinho e água gelada. Depois me aconselhou a fazer aplicações financeiras, segundo ele, seguras e rentáveis.

Inicialmente fiquei atabalhado. Não sabia o que fazer: Comprar mais terras? Onde? Mais reses? Mudar-me? Confabulava com minha esposa nas madrugadas insones em que a lua invadia todas as frestas da cumeeira e explodia em fachos lancinantes sobre os móveis e as paredes do quarto. Mas Teodora pouco ajudava, pois, assim como eu, nada entendia de investimentos. Além disso, como andasse às voltas com a gravidez do nosso décimo filho, uma sonolência incontrolável não lhe permitia ouvir as minhas ladainhas por mais que alguns minutos. As respostas, que principiavam com um desenxabido “*hum-hum, hum-hum*”, transformavam-se num ressonô tão inquietante, que eu quase ia à loucura.

Dois meses depois de haver adquirido o empréstimo, o filho mais velho voltou a me procurar, dizendo que ainda pensava em partir. Falou que precisava de um bom emprego para comprar roupas novas, bons calçados e, quem sabe, uma *motoca*... Eu não quis ouvir mais nada. Levei-o à cidade, comprei-lhe roupas da moda, botas envernizadas e dei-lhe de presente uma motocicleta.

Os outros filhos, enciumados, exigiram a mesma coisa e eu não titubeei. Aliás, empolguei-me tanto que, com o incentivo da prole, acabei trocando a velha caminhonete por outra novinha em folha.

Para as filhas, comprei vestidos estampados, assinei revistas de fotonovelas e adquiri aparelhos de tevê e toca-discos de última geração. Para os filhos pequenos, brinquedos eletrônicos que eles nem sabiam direito como usar. Para Teodora, que a tudo assistia pateticamente, mandei buscar na capital alguns móveis e utensílios domésticos que só existiam em meia dúzia de casas daquela região.

Como tudo aquilo consumisse muita energia elétrica, comprei também e mandei instalar na propriedade um possante gerador de eletricidade, substituindo as antigas lamparinas a querosene por expansivas lâmpadas incandescentes, em torno das quais as mariposas faziam festa noite adentro.

O dinheiro foi gasto com uma velocidade tão grande que, quando a primeira fatura chegou-me às mãos, não havia um único centavo na conta bancária. A produção do sítio em nada aumentara. Pior, diminuía muito, pois os meus filhos agora só queriam saber de “*dar rolê de motoca*” e “*azarar as gatinhas*”, diziam, numa linguagem nunca ensinada nem compreendida por mim.

Minhas filhas, que antes madrugavam para a labuta, tornaram-se dorminhocas, passando a acordar tarde, pois ficavam assistindo tevê até altas horas da noite. As roupas, os móveis, os utensílios novos estavam dete-

riorados e as motocicletas dos jovens, arruinadas pelas péssimas condições das estradas. A caminhonete nova, devido aos impulsos do motor possante que eu não consegui amestrar, caíra comigo numa ribanceira, ficando totalmente destruída.

O acidente me deixou capenga da perna direita e com um incômodo cocuruto no antebraço esquerdo, tudo acrescido de umas dores irritantes que nunca mais me abandonaram. Acabei readquirindo o carro antigo pelo dobro do preço que o havia vendido.

A única reação que tive quando recebi o boleto bancário indicando o valor a ser pago e a data do vencimento, mostrando, inclusive, os juros e as multas a serem acrescidas, em caso de atraso, foi correr para a casinhola que ficava nos fundos do quintal e, em meio a um surto incontrolável de ventosidades estrondosas, deixar-me esvaír numa diarreia ácida que durou horas e escalavrou-me dolorosas assaduras no assento. Depois disso perdi o sossego e, conseqüentemente, o que ainda restava de saúde.

As correspondências bancárias, lembrando-me o sério compromisso assumido, encontravam atalhos e chegavam, às vezes, duas ou três na mesma semana. As faturas foram vencendo uma após outra com uma premência irremediável. Os juros, as multas, as correções monetárias e todos os demais diabos, somados à dívida principal, tornaram-se uma massa com fermento em demasia. Cresceram assustadoramente diante de minha impotente perplexidade.

Meus filhos foram, um a um, mudando-se para a cidade grande. As reses foram vendidas para abrandar a fúria do credor, mas de nada adiantou. Os moirões apodreceram, as cercas que delimitavam a propriedade caíram, e não havia quem as consertasse. As pastagens foram invadidas pelas ervas daninhas, sem que houvesse meio de impedi-las. As roças tornaram-se improdutivas

por falta de fertilizantes. Até o filho que nascera por último, como se antevisse e não quisesse participar da miséria que rondava a família, morreu antes de completar um ano de idade. A benzedeira que tentou salvá-lo disse que tinha sangue ralo.

No dia em que o oficial de justiça foi tomar posse de minhas terras, em nome do credor, atraquei-me com ele. Rolamos por uma ribanceira. Eu, grudado na goela dele. Ele, grunhindo: “*Umpiff... Umpiff...*”, perdendo o chapéu, a pasta preta, a compostura...

Desnecessário dizer que fui preso. Na delegacia, sofri um enfarte. Internaram-me às pressas. Passei três meses entre a vida e a morte, mas sobrevivi. Teodora, coitada, não teve a mesma sorte.

Não tive mais em que trabalhar. E, mesmo se tivesse, cadê saúde? Passei alguns anos vivendo de favores, parasitando nas casas dos meus filhos, desagradando-os com os meus conselhos, minhas implicâncias diante de certas atitudes vulgares, como os rostos multicoloridos de minhas filhas e as indecentes microssaias que insistiam em usar. Concluíram que eu estava caduco e me internaram neste abrigo geriátrico, num bairro distante e frio... Há seis meses não recebo visita.

Próximo deste asilo há um cão que, ao ladrar, lembra-me o Rabujo, única recordação da infância que me chega por inteiro. Era ele um cachorro de médio porte, sem raça específica, e que de vez em quando levava coices por ter o hábito de se divertir atazanando, de modo descuidado e persistente, um asno que tínhamos, irritando-o com seus latidos.

Amiúde chegava ganindo, andar capenga, lambendo feridas... Ficava ressabiado por alguns dias, entocado em ambientes de silêncio e sombra. Mas o teimoso não aprendia a lição, pois passado o período de recato, lá ia de novo provocar quem estava quieto.

Sempre que ouço os latidos deste cachorro e penso no Rabujo, não consigo deixar de comparar certas atitudes humanas às inconsequentes teimosias dele; a vida girando em círculos e nós repetindo os mesmos erros, ininterruptamente.

Não amei meu pai. Meus filhos não me amam e, certamente, os filhos deles não os amarão. Seguiremos assim, cometendo erros, sofrendo as consequências, recolhendo-nos amuados e voltando a repeti-los, até que nos tornemos racionais a ponto de dar adeus às ilusões de pensar que o mundo acoita desinteligências sem cobrar por isso pesados juro e correções.



Roberto de Carvalho

CADEIRA 29 - PATRONO HUMBERTO DE CAMPOS



Celso de Almeida Cini, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 37, cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André, em 18 de outubro de 1934, filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – USP em 1962. Trabalhou por cinquenta anos como advogado, em todas as modalidades: crime, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Pós-Graduado na mesma Faculdade entre 1980 e 1984. Mestrado e Doutorado em Direito Civil. É professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André. Segue advogando. É igualmente tradutor de idiomas neolatinos. Publicou obra sobre Machado de Assis em 1999 pela ALGRASP. Memorialista, publicou diversos artigos nas Revistas *Tamises* editada pela Academia e na *Raízes* da Fundação Pró-Memória.

Três Destinos - Lembranças

CELSE DE ALMEIDA CINI

Eram imigrantes. Três famílias de muitos jovens. Chegados no final do século XIX, oriundos do Vêneto, norte da Itália, país que enfrentava séria crise econômica. Desemprego em massa. Urgia deixar a Itália: emigrar; “*per fare l’América*”? Esse refrão, sonho distante dali, fazia arder o coração da população pobre... Era a visão ideal de um futuro melhor, seguro, para os filhos... Ou seria apenas uma ilusão inalcançável, destinada, como apregoava o governo local, a enganar os “contadini” (trabalhadores rurais), gente humilde, ingênua, os mais pobres da Itália? O Governo Italiano, assustado com o êxodo, inventava desgraças para desanimar a emigração. — Quando reclamei – contava o velho Giovanni Dalla Verde – com o membro do governo, um falso amigo, que nós, os “contadini,” precisávamos de apoio, pois éramos os produtores dos mantimentos para alimentar o povo italiano, o burocrata, furioso, replicou: – “Traditori”, (traidores), vocês são os culpados da nossa desgraça! Vão abandonar sua pátria? A terra santa onde nasceram e que lhes dá tudo? Traditori! Viverão como escravos no

inferno desse Novo Mundo! Então, perdidas as ilusões na Pátria, considerados traidores, sem direito à ajuda do governo, emigramos. Adeus, Itália! As esperançosas ilusões do Novo Mundo nos seduzem mais!

No Brasil, por dez anos, trabalharam nos cafezais do interior paulista: eram colonos. Depois, conseguiram – as três famílias – adquirir uma propriedade grande, onde cabiam todos. Bem servida de água, em Tietê, localidade nascente, onde produziam de tudo: cafezal, canavial, milharal, videiras que lhes garantiam bom vinho caseiro. Mantinham criações: aves, suínos, gado bovino, de leite e de corte. Faziam queijos, manteiga, fubá. Fatura de tudo! Os casamentos se multiplicaram. – Quando contei a um português, vizinho, bom amigo, porque fôramos tratados como traidores pelo funcionário do governo italiano, ele, lembrou seu poeta maior, Camões, que nos revelou a hipocrisia, rimando: *“Onde reina a malícia, está o receio, que a faz imaginar no peito alheio!”* Em vinte anos, a história lhes ensinou: ao nascerem netos e bisnetos dos primeiros imigrantes, chegou a hora da migração das novas famílias. Decidiu-se, então, vender a grande propriedade, a Fazenda Novitália. Cada nova família buscaria seu próprio destino, com os recursos que lhes coubessem. Ao deixarem a Novitália, Giovanni Dalla Verde Filho, disse à esposa: – Aqui, cara Marieta, fomos muito felizes! Queira Deus que esta despedida não seja nosso adeus às abençoadas ilusões que animaram nossos pais a emigrarem!

II

A nova geração dos Dalla Verde, composta de Giovanni, Marieta e três filhos – Marcos, de 22 anos; Cristina, de 17; e Vinicius, de 14 –, adquiriu pequena propriedade no lugarejo de Patrimônio, um fim de mundo, próximo

de Agudos, São Paulo, mas distante da velha fazenda, adquirida pelos pais e tios de Giovani Dalla Verde Filho, muitos já falecidos na década de 1930, antes de seu casamento. O filho mais velho de Giovani, Marcos, nascido em 1922, cumpria o fim de sua permanência no Exército. Era 1944. Nesse ano, o Brasil vivia ainda o governo Vargas, que declarara guerra à Alemanha, ficando ao lado dos Aliados durante a 2ª. Guerra Mundial. A família vivia agoniada com o provável destino de Marcos. Seguiria para a guerra? Realmente, já fora convocado a integrar o próximo batalhão destinado ao Velho Mundo. Iam unir-se aos Aliados, em data a ser marcada. Marcos tinha pavor só em pensar no que o esperava. Lamentava-se com seus companheiros, afirmando que tinha pesadelos e pensava em fugir do Quartel e desertar. – Está louco, Marcão? Seria um crime imperdoável! – Mas, gente! Tonico, meu amigo, o que vou fazer? Lá vou morrer, com certeza. Desertando, terei uma chance... – Nada disso, se fugir, nunca mais terá sossego. Pare com isso, Marcão, você não vai morrer, não! Ficaremos sempre juntos e defenderemos uns aos outros. Tenha fé. Logo estaremos de volta. Essa guerra não vai durar muito. Parece já estar no fim... Você vai ver. Mas Marcos era cético: – Não sei, não! Viciara-se no tabagismo. Perdera o apetite e a vontade de viver! Não era covarde, mas com as notícias de mortes na Guerra, entrava em pânico, perdia a serenidade! Sonhava com a ideia de sumir do mapa! E queixava-se à mãe, Marieta, nas cartas! Enquanto isso, Giovanni, o pai, sabendo que seu novo sítio não estava, ainda, preparado para largo plantio, combinou com o vizinho, Mario Pessotti, e passou a cultivar um amplo pedaço de terra na propriedade deste, plantando algodão, de “à meia” como acertou com seu amigo e velho conhecido. E, confiando no êxito da primeira colheita, calculava-a em arrobas. O preço

de mercado era favorável. Sonhava ter recursos para erguer as paredes de uma boa casa no Sítio, para melhorar o abrigo da família. Ah! Se pudesse contar com o filho, Marcos... – Pobre de meu filho, meditava, teme partir para a guerra! Não me agrada a ideia de deserção! Com as incertezas, Giovani usava a razão: Temos de confiar no futuro e viver o presente, um dia de cada vez. Por quê sofrer por antecipação? “*Carpe diem*” (Viva o agora!). Também preocupadas, Marieta e Cristina, mãe e irmã de Marcos, cuidavam de recorrer à ajuda divina. Tinham fé. Seguiram a pé para o centro da cidade, a procura da Capela, em louvor a Santo Antônio. Propunham-se a rezar uma novena ao Santo de Pádua, implorando que rogasse a Deus que lhes permitisse um caminho alternativo, livrando Marcos da perigosa obrigação. Alimentava, Marcos, ruim premonição: essa guerra lhe seria fatal! Enfrentaria qualquer outro sacrifício, menos participar do conflito: matar e morrer! Eis o motivo de seu desespero. Uma penitência, uma renúncia, já valeria como milagre. Para Deus, nada é impossível!

Cristina, que estava em véspera de completar 18 anos, era uma bela jovem, rosto lindo e sempre sorridente, com aquela fileira de alvos dentes, tal como maravilhoso “*rebanho de ovelhas tosquiadas que sobem do lavadouro*”! (Salomão, Cantares). Chamava a atenção da rapaziada da localidade, mas não tinha pretendentes, nem se tomara de afeição por algum jovem da vizinhança. Na Capela, porém, enquanto oravam, Reginaldo Santos, 20 anos, um guapo e alto adolescente, não tirava os olhos dela e, quando mãe e filha, deixavam a Igreja, o jovem aproximou-se, gentil, e perguntou à mãe, Marieta, se permitia a ele, Reginaldo, conhecer sua filha. Marieta olhou para a filha, com um sinal interrogativo: se aprovava Reginaldo, que queria conhecê-la. Cristina, um tanto encabulada, acei-

tou o início da corte, mas ponderou ao jovem que, agora, teriam pouco tempo. Ele e Cris conversaram por alguns minutos, depois que Marieta se adiantou. Em seguida, despediram-se. Cris tomou o braço da mãe e seguiram para casa. Fazendo o caminho de volta, não tocaram no assunto. Cristina observava, na mãe, o semblante triste e preocupado com seu irmão, Marcos, na iminência de partir para a guerra. Em casa, à noite, era hora da *minestra*, modesta ceia da família italiana. Giovani, animado, comentava sobre a aproximação do dia da colheita do algodão. Pensava na casa nova... Marieta pensava no filho, Marcos: sozinho, triste e distante. Sem esperanças! Não se tocou com Reginaldo. Mas, uma luminosa ilusão, passageira, mas agradável, dançava na cabecinha de Cristina, pela primeira vez. Sentia-se atraída e feliz. Só simpatia, porém; nada de paixão. Alguém pensava nela. E com aqueles olhos cor de mel

III

Aproximava-se o final de 1944; era início de dezembro. Os oficiais do Exército comunicaram à tropa que chegara a hora. O Navio brasileiro, Minas Gerais, zarparia do Porto do Rio de Janeiro, levando o 3º. Batalhão de Infantaria, com destino ao porto da Sicília, na Itália, onde se uniriam às tropas dos Estados Unidos, ali sediadas. No Natal, os pracinhas teriam quatro dias de folga para passar com a família e despedir-se. No dia 27 de dezembro deveriam estar de volta ao Quartel para a partida, dia 28. A notícia foi recebida por Marcos Dalla Verde como verdadeira sentença de morte! Sentia-se atingido por um raio! Estava selada sua sorte, seu destino. Teria de fugir nesse período, ou já se sentiria no inferno da Guerra, para morrer lá, longe da família. Planejaria a escapada a partir da folga natalina. Estavam servindo no Quartel

de Caçapava. Teria de viajar muito e nem sequer sabia onde ficava o novo Sítio dos Dalla Verde. A última carta falava em Patrimônio e Lençóis Paulista, perto de Bauru. Precisava informar-se para cumprir a visita e a despedida. O Natal se avizinhava. Seria o último? Pensou. Uma época tão feliz... Mas, agora... Onde estava a agradável e inocente ilusão, o encanto dos Natais passados? O pai, por sua vez, ocupado com a colheita do algodão, olhava seu trole, puxado pelo excelente cavalo de tiro, o Gigante, que agora pastava tranquilo e bebia da cristalina água do riachinho próximo. Giovani permaneceria no rancho, construído para armazenar o algodão e enfiá-lo, depois, com o material, que lá guardava. A um canto, estendera sua rede para ali dormir e fazer suas refeições, almoço e jantar, trazidas diariamente por seu filho mais jovem, Vinicius, um espigado garotão de 14 para 15 anos. O caminho, a pé, Vinicius o fazia em uma hora e meia. Saía de casa às 10h30 e chegava às 12h. Giovani já contratara um peão, Pedro, que almoçava em casa, perto, retornando hora e meia depois, para prosseguir no trabalho até às 18h. Pedro o ajudava no preparo da colheita. Pessotti, amigo e sócio, achava de bom conselho trazer mais peões para acelerar o trabalho. A eventualidade de uma chuva inesperada poria tudo a perder! Nessa manhã, Vinicius se demorava. Já passava de 12h30 e nada de ele chegar. Que teria acontecido? Enquanto pensava, Giovani viu seu filho aproximar-se, capengando, agitado: – Que aconteceu, Vini? Está com o tornozelo direito sangrando? – Sim, pai, ao saltar o riachinho, meu pé direito pisou uma cobrinha de nada; ela me picou e sumiu! – Nossa! Você a viu? Como era? – Não, pai, não deu tempo, mas acho que era um filhote de cascavel. Percebi o chocalho! – Deus do Céu, vamos já para o Armazém do Severo. Vai precisar do soro antiofídico. Sei que ele

o tem na Botica. Don'Ana, a mulher dele, sabe aplicar. – Ah! Acho que não precisa, pai. – O quê? Nem pensar, Vini! Vamos e vamos já. Rápido, o pai atrelou Gigante ao trole. Deixou instruções com Pedro para avisar Pes-sotti e cuidar de tudo. – Preciso correr com o menino. Foi cobra venenosa, peçonhenta! – Pedro, capaz que não dê pra voltar hoje, viu? E tocou célere o trole: – Gigante! Toca, toca! Vamos, seo!! De casa, Marieta e Cristina, sem nada saberem, seguiram, à tarde, para a novena de Santo Antônio, na Capela. Mas, enquanto a mãe se man-tinha de joelhos, a orar, Cristina fugia um tempinho para namorar a simpatia agradável de Reginaldo. O idílio ia seguindo. O jovem tinha presença, mas – diziam – era dado à bebida e às valentias... Coisas da juventude sem freio, com companhias pouco recomendáveis. Quando soube, por uma vizinha que conhecia a família dele, pas-sou a preocupar-se. Mais do que um incômodo, parecia, à Marieta, um alarme. E se perguntava: – Seriam, os pais do jovem, gente de bem? E quando Giovanni souber dis-so? Cristina ignorava o risco e a maldade! Era ingênu-a, sem malícia! Lugar pequeno, o Armazém e a Botica de Pietro Severo, estavam na Praça, junto à Capela, e a coi-nidência ocorreu. Giovanni e Vinicius encontraram-se com Marieta, Cristina e Reginaldo. Giovanni, preocupa-do com Vini, que tinha febre, apesar de medicado com o soro antiofídico, não reparou na presença do jovem. Este pensou em falar com o pai de Cristina. Percebendo, Cris antecipou-se e despediu-o, ponderando: – Depois, Reg... Agora, não! Agora, não! A hora, para conhecer seu pai, não era boa. Até Cristina estava surpresa. O que estaria, seu pai, fazendo no centro, no fim da tarde, em companhia de seu irmão mais novo? Algo preocupante acontecera! Então, Giovanni, irônico, interrogou Marieta: – Ora, ora, o que fazem aqui, a estas horas, minhas queri-

das? – Ora, Nino, você sabe que fazemos, todos os dias, a novena de Santo Antônio de Pádua “*per nostro figliolo*”, Marco. Mas, e vocês dois? Por que vieram para cá? Explicada a emergência, Marieta perturbou-se, percebendo que Vinicius tinha a perna direita inchada e ardia em febre. – Mãe do Céu! Vamos já para casa, disse. Lá cuidarei do Vini. Com o trole, será bem mais rápido do que a nossa caminhada diária... A presença de Reginaldo, porém, não escapou da vista de Vinicius, que também conhecia a família do valentão! Mas, Vinicius, indisposto, não se manifestou; nem na hora, nem, em casa. Era coisa de mãe com seu pai. Coisa pra gente grande discutir e resolver. O incidente ofídico, que atingiu Vinicius, desdobrou-se, estendendo-se por mais de dez dias, e Giovani permaneceu ao lado do filho, preocupado. Aquela perna inchada, vermelha e brilhante, abaixo do joelho, exigiu a presença do médico da cidade. Exames de sangue, determinaram o uso de outros medicamentos, importantes nesses casos. Só então, a crise do adolescente deu sinais de ceder. Havia risco de sequelas, afastadas com o tratamento e cuidados médicos. Giovani postergara a colheita do algodão. A recuperação do filho era prioridade. Pessotti visitou a família de Giovani, preocupado com sua ausência e com o que lhe contara Pedro, o peão: – Pois é, seu Pessotti, ainda bem que o garoto é esporte de forte, porque a picada de cascavel é coisa muito séria. Vige! De outro lado, notícias da Itália, recebidas pelo Exército, davam conta de que o Batalhão dos brasileiros tivera a partida postergada para janeiro de 1945, por ordem do Comando Geral dos Estados Unidos. Verificara-se um recuo dos nazistas alemães, acima da zona de limites, na Itália, em direção ao norte. O embarque dos brasileiros deveria aguardar novas ordens. Eram novas ilusões a alimentar as esperanças de Marcos, protelando a partida.

Um ilusório e ligeiro alívio das contrariedades, pensou ele! Mas, Marieta, mantinha sua fé e confiança!

De retorno à área do algodão, parou a admirar aquele mar de brancura, prontinho para a colheita. Giovani, animado com a melhora de Vini e as esperanças de Marcos, pensava reunir os ajudantes, acostumados ao trabalho. Os dois sócios marcaram a data, depois de Giovani preparar o espaço e o material para enfardar o algodão colhido. Na véspera, um domingo, Giovani veio para o rancho à tarde. Enfrentava uma ventania inesperada. Muniu-se de uma garrucha de dois canos, que seu pai lhe dera. Ficaria sozinho à noite. Devia ficar atento para defender-se de assaltantes. Lá pelas 3h20 da madrugada a ventania amainou, dando lugar a raios e trovoadas, seguidos de um temporal medonho... E o aguaceiro veio sem piedade. Veio arrasar com todo o algodão! Um pecado! Muito azar! Tinham, ele e Pedro, colhido umas braçadas, coisa de duas ou três arrobas... Giovani, muito cansado das noites insones ao lado do filho, dormira um sono de pedra! Só acordou às quatro e meia da manhã, estranhando o fraco ruído do fim da chuvarada no teto do rancho. Ao prestar atenção, pensou: – Estou sonhando? Ou o que escuto é barulho de chuva? – Ah! Meu Pai do Céu... Isso, não! E gritou: – Por misericórdia, meu Deus! Nesse momento, ouviu gritos. Alguém o chamava lá fora. Era Pessotti: – Giovani, Giovani!! Uma desgraça, meu amigo, uma desgraça! A chuva! E continuou: – Perdemos todo o algodão, tudo, tudo! Giovani abriu a porta, Pessotti chorava, à sua frente, as duas mãos no rosto. Giovani olhou para o céu, ainda na escuridão e gritava, desesperado: Por que, meu Deus, por quê?! Tonto e muito furioso, Giovani voltou ao interior do rancho, pegou a garrucha carregada e, na frente do amigo, Pessotti, mirou o céu, gritando: – Traidor, traidor! E desfechou dois tiros

para o alto. Pessotti, assustado, ao ver a arma, pensava que Giovanni ia suicidar-se e preparava-se para impedi-lo. Mas, ouvindo os tiros para o ar, perguntou-lhe: – Amigo, o que está fazendo? Em que atirou? – No Manda-chuva, Pessotti, atirei no traidor do Manda-Chuva! Ele nos fez perder tudo! Por que me castiga, Deus meu?! Mal sabia Giovanni que sua bizarra e inócua atitude repetia o gesto histórico e tolo do Imperador Xerxes, da Pérsia, que, no século V a.C., indignado ao saber que uma tormenta destruíra toda a sua frota marítima, ordenou que se desse impiedosa e longa surra, zurzindo de chicote, o traiçoeiro Mar, que provocara a tormenta e destruíra suas ilusões de grandeza marítima! Quem seria o Manda-chuva?

IV.

Giovanni só retornou ao lar quando a noite, toda estrelada, ia alta e parecia rir deles. Ficaram, ele e Pessotti, horas a lamentar e maldizer a falta de sorte, o mau destino, a perda das oportunidades de colher o algodão, antes daquela chuva traiçoeira, sem esquecer de amaldiçoar a endiabrada família das cobras peçonhentas! Em casa, Marieta já previra a perda. A chuva da noite, de certo, os apanhara de surpresa. Mesmo assim, procurava consolar seu marido. O que importava era a vida e os filhos, com saúde. Um patrimônio sem preço! E, como uma desgraça nunca vem só, Marieta não escondeu de Giovanni a novidade romântica entre Cristina e Reginaldo. Isso incendiou o ódio, então em brasa, instalado no coração do marido: – O que está me dizendo? Jamais permitirei que nossa filha se case com ele. É um beberrão machista! Suas valentias são conhecidas. Traria muito sofrimento e dor à nossa filha, Marieta! Não e não! Chega de desgraças! Cristina, que ouvira a discussão, ficou a chorar, sozinha em seu quarto. Não previra essa reação do pai

e ignorava as acusações, tão sérias! A mãe, já pensara em mandá-la para Agudos, a fim de passar uns tempos na casa de parentes. Iria estudar no Colégio das freiras franciscanas. De repente, podiam ter uma professora! E assim se fez, logo no dia seguinte, porque o pai, ficara indignado com a possível união. – Era só o que nos faltava! Todos os membros da família às voltas com desgraças! E dizem que o excesso de lucidez mata ilusões indispensáveis à vida!

Os meses de 1945 passaram céleres, como se a natureza estivesse com pressa. Fevereiro, março, abril. Durante esse período, a Guerra prosseguiu seu curso e findou, sem que o 3º. Batalhão brasileiro fosse autorizado a partir para a Europa. E os aliados anunciaram o fim da Guerra Mundial, na Europa, em 08 de maio de 1945, com a rendição incondicional da Alemanha. O canto dobrado dos sinos das igrejas, avisava as cidades: Paz, paz! Aviões Teco-Teco derramavam a notícia nos céus do interior paulista, por folhetinhos, lidos pelo povo da roça. Pais, noivas e parentes dos pracinhas, alegres, comemoravam! Marcos e os Dalla Verde, estavam livres da angústia! A mãe, que implorara ao Santo de Pádua, de joelhos, agradecia a Deus! Os céus mudaram os destinos dos Dalla Verde: Marcos decidiu seguir a carreira militar; Cristina, obediente, afeiçoou-se ao Colégio e às freiras. Orava sem cessar pelo bem do irmão, Marcos, e chamou para si o sacrifício penitencial alternativo. Cumpriu-o com devoção e alegria. Convidada, decidiu fazer os votos para dedicar-se à vida monástica de freira franciscana. Inteligente e dedicada, tornou-se, adulta, professora e dirigente do Colégio. Disse adeus às ilusões da vida material. Sua vocação estava mesmo na vida religiosa. Reginaldo sentiu a fuga de Cristina, mas encontrou seu par mais adequado. Despediu-se das ilusões da adolescência, sem rancores do passado.

Em fins de agosto de 1946, Giovani e Marieta tomavam o sol matinal do fim do inverno, enquanto cismavam sobre sua vida na nova terra. Não tinham casa nova e a terra continuava sem preparo para o cultivo. O pouco de algodão que Giovani conseguira colher, antes das perdas e danos, deu apenas para viverem mais um ou dois meses. Trabalhavam, agora, pai e filho para Pessotti, que os ajudava muito. Vinicius cuidava dos animais, cavalos e gado nelore do tio. Giovani dizia que isso era provisório! Com a atenção voltada para o horizonte, ao longo da estrada nova, ambos, divisaram o vulto de um rapagão alto, que vinha a pé, pelo estradão. Ao chegar mais perto, revelou-se um elegante Primeiro Sargento do Exército, trazendo sua sacola às costas. Era seu filho, Marcos, que retornava ao lar, depois de ano e meio desde o fim da guerra. Permanecera no Exército e fora promovido na carreira. Mas... por que se demorara tanto? Concluía seu tempo em março de 1945. Setembro de 1946 estava às portas. Suas cartas não explicavam tudo o que fazia. Estivera no ABC paulista, com parentes. Lá, ajudado, adquirira um terreno e mandara erguer uma casa confortável, para onde pretendia levar seus pais e seu irmão, cansados das desilusões da roça. Residiriam na cidade, com melhor qualidade de vida. Chega de roça! Contava empregar todos nas indústrias locais. Desse modo, depois de muitos abraços e lágrimas de ternura e saudades, narrativas dos tempos de caserna e a esperança de novo futuro, Giovani e Marieta decidiram mudar-se para a casa nova do ABC, depois de vender seu sítio a Pessotti. Chegaram no ABC em fins de setembro de 1946. Trabalhando na indústria, a vida mudou para melhor. Casados, Marcos e Vinicius formaram novas famílias, dando muitos netos ao casal de avós, agora gozando a paz merecida. Haviam encontrado seu próprio modo de *“fare l’America”* e puderam dizer

adeus às ilusões inalcançáveis, cultivando aquelas transformadas em conquistas concretas!



Celso de Almeida Cini

CADEIRA 37 – PATRONO ALFONSO SCHMIDT



Maria do Céu Formiga de Oliveira, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 38, cujo patrono é Mário Quintana. Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC_SP), e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de Ensino Superior. Desenvolveu suas habilidades, também, como artista plástica, tendo realizado inúmeros trabalhos de pintura e aquarela ao longo de sua carreira. Na esfera acadêmica, ministrou as disciplinas Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade na Faculdade de Belas Artes, em São Paulo e, atualmente, é uma das coordenadoras do curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica da Universidade Cruzeiro do Sul

A Dor Nossa De Cada Dia

MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA

Ilude-se quem imagina poder passar pela vida sem a experiência da dor, do sofrimento humano.

Durante décadas, acreditamos que o mundo havia aprendido com tantas guerras e fracassos e, aos poucos, buscava variadas formas de integração.

No entanto, a História dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos exacerbados, ressentidos e agressivos.

Novas formas de egoísmo estão sendo criadas, potencializando a perda do sentido social, massacrado por uma suposta defesa dos interesses nacionais.

“Abrir-se ao mundo” é uma expressão que, hoje, representa a abertura a interesses e liberdade de poderes econômicos. A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência. Por outro lado, aumentam os mercados, dos quais nos tornamos consumidores ou espectadores.

Percebemos um movimento de “desconstrucionismo”, no qual a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero.

Quem faz uma proposta a outra pessoa, pedindo a ela que desconsidere a História e despreze o passado, está, naturalmente, buscando uma pessoa vazia, desenraizada, desconfiada de tudo, apenas confiante naquilo que lhe foi prometido a partir daquele momento.

A melhor maneira de dominar e avançar sem entraves é semear o desânimo e despertar uma desconfiança constante, mesmo disfarçada por trás da defesa de alguns valores. O que vemos, hoje, é uma espécie de mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar.

Nessa luta de interesses, que coloca todos contra todos, em que vencer se torna sinônimo de destruir, como se pode levantar a cabeça para reconhecer o próximo?

Hoje, um projeto com grandes objetivos para o desenvolvimento de toda a humanidade soa como um delírio.

Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta é cuidar de nós mesmos.

No fundo, as pessoas já não são vistas como um valor primário a se respeitar e cuidar, especialmente se são pobres ou deficientes, se “ainda não servem” (como os nascituros) ou “já não servem” (como os idosos).

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construir juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos.

Vemos como reina uma diferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por trás dessa ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco.

Essa desilusão que abandona os grandes valores fraternos, conduz a uma espécie de cinismo. Essa é a tentação que temos diante de nós, se formos por esse caminho do desengano ou da desilusão. O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca

serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas a proximidade.

A cultura do confronto, não; a cultura do encontro, sim.

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade humana partilhada parecem aumentar: até fazer pensar que, entre o indivíduo e a comunidade humana, já esteja em curso uma divisão, uma cisão.

Uma coisa é sentir-se obrigado a viver junto, outra é apreciar a riqueza e a beleza das sementes da vida em comum, que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto.

A pandemia de Covid-19 trouxe-nos a consciência e a lembrança de que ninguém se salva sozinho, só é possível salvar-nos juntos. Por isso, a tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa descobertas as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, projetos, hábitos e prioridades.

Mas o golpe duro e inesperado dessa pandemia fora de controle obrigou-nos, forçosamente, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns.

Buscamos o resultado rápido e seguro e nos encontramos oprimidos pela impaciência e pela ansiedade. Prisioneiros da virtualidade, perdemos o gosto e o sabor da realidade.

A tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites que a pandemia despertou fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização da nossa sociedade e o sentido da nossa existência.

Repito: engana-se quem imagina que pode escapar do sofrimento. Quando ele aparecer, não resista, nem o negue, porque é questão de tempo ter de enfrentá-lo.

Somos seres desejantes e inacabados. Sofremos e, assim, firmamo-nos como seres humanos.

Em nosso caminhar, o sofrimento é passagem obrigatória. Nele podemos reconhecer nossa humanidade.

Os sofrimentos do corpo têm sua mira localizada, física. O corpo padece com os limites do tempo.

Os sofrimentos da alma são complexos: nossos conflitos, desatinos e desafetos compreendem tudo o que lateja na vida humana e não tem uma concretude, uma materialidade.

Tantas são as origens que nos infelicitam!

Um desafio expressivo é saber identificar o sofrimento que vale a pena ser sofrido. Perdemos boa parte da vida com sofrimentos desnecessários, resultado de nossos desajustes, precariedades e falta de sabedoria.

Invertemos a ordem e a importância das coisas. *Sofremos demais por aquilo que é de menos.*

Podemos dizer que só conhecemos verdadeiramente a essência das coisas à medida em que nos purificamos por meio do sofrimento e reconhecemos os frutos que brotaram deles.

O sofrimento parece conferir um selo de qualidade à vida porque tem o dom de revesti-la de sacralidade.

Dentro de nós haverá sempre um embate entre problema e solução. Vencerá o que mais alimentarmos.

Os sofrimentos se dão no percurso dos acontecimentos que nos envolvem. Eles fazem parte da vida. São naturais, pois pertencem à ordem das coisas que nascem espontaneamente.

E, ainda, há mais uma questão: o sofrimento do outro nos recorda quem somos. Ao encontrar o outro e sua precariedade, nele descubro a minha impossibilidade de passar ileso, minha própria precariedade.

Os sofrimentos brotam também de limites e fronteiras que podem representar o fim, como também o início.

É comum estarmos vivenciando um momento em que teríamos tudo para desistir, mas que se transformou em impulso para novas iniciativas somente porque enxergamos de outra forma.

Oportunidades que terminam, e outras que começam. Portas que se fecham, outras que se abrem.

Olhar para o que não conseguimos e nisso permanecer pode, de alguma forma, prender-nos ao maior de todos os limites.

O ato de aprender como impulso positivo para a vida faz com que o limite perca seu caráter definitivo e tão destruidor. Sofremos porque somos limitados.

O sofrimento e suas diversas expressões, bem como a consciência do limite, afligem tanto a existência humana que, na fuga para escapar dessa realidade, conectamo-nos à lógica da velocidade. Essa lógica nos coloca diante da inviabilidade de estruturar saudavelmente o tempo e a sua gestão, que tanto compromete a promoção da vida.

Assim, vou sempre optar por não fugir da dor quando ela bater na soleira da minha casa, como ainda vou tentar sempre emoldurá-la com uma palavra poética, para que depois possa honrar, com ternura, minha incorrigível inclinação a buscar e encontrar esperanças escondidas.

Para além das probabilidades existe uma presença sagrada, existe Deus interagindo na vereda de todos nós.

Apesar de todas as inquietudes da vida, é possível nascer de novo e depois retornar à delicadeza do sublime porque é no silêncio que Ele tece nossa melhor versão.

Meu coração se constrange pelos que significam muito pouco, submergiram à solidão, pelos que sofrem o desconforto não identificado.

Luto por rumores de esperança que só um olhar suave consegue sublocar na insensatez dos milagres que não suspeitamos existir, mas existem!

Por isso, não preciso temer a dor nossa de cada dia.



Maria do Céu Formiga de Oliveira

CADEIRA 38 – MÁRIO QUINTANA



Adeus às Ilusões

V Antologia
Academia de Letras da Grande São Paulo

Poesias



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André. Nascido em Santos Dumont, Minas Gerais, em 1947, é o terceiro de uma família de doze irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena, Minas Gerais, no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André, São Paulo. Coursou Direito em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Passos Desconsertados

SEBASTIAO GERALDO FERREIRA GOMES

O sol brilha para todos,
a lua também se apresenta!
As cidades se iluminam à noite
e o sono se assenta.
Bendito o fruto da inocência
que prolifera em paz
e viva o sonho de criança
enquanto tudo não se desfaz.
Eu vejo o barco, ao sabor das ondas,
voltando do alto mar
e trazendo os frutos do amanhã
para quem vive se alimentar.
Recordo o dia em que alguém me disse
que a vida só teria valor
se o mundo inteiro se curvasse
aos desígnios do amor.
De fato, as frases que sempre ouvi
levaram-me a acreditar no bem,
mas passos desconsertados
não caminham como convém.
Foi aí que me vi privado
dos sonhos que eu criei!
Aquele paraíso do meu futuro
foi apenas só o que desejei.

Simple Ilusões

Já me senti forte
como touro no cercado,
como lobo e sua matilha
à caça do seu bocado.
Já me senti feliz
como o jovem que encontrou
a sua primeira namorada
no momento que desejou.
Já estive cavalgando
o mais belo cavalo alado
pelos campos intermináveis
com um anjo ao meu lado.
Já me senti em alegria
na festa mais empolgante
que eu desejei participar
quando era estudante.
Já estive enamorado
da mais bela criatura
que a todos encantava
tal era a sua candura.
Hoje trago no meu corpo
cicatrizes que ficaram
das fortíssimas ondas
que quase me alijaram.
São agora tempos passados,
não mais que simples ilusões!
Não que eu seja marinheiro,
mas naveguei em muitos corações.

A rotina

Mamãe, assim falei,
quando eu crescer e for um homem
quero brilhar nas passarelas
assim como imaginei!
Quero cantar uma canção
que só fale do amor,
harmonizando as batidas
com as do meu coração.
E o povo inteiro a cantar
com alegria e emoção,
aplaudindo entusiasmado
por muito tempo sem parar.
Seria eu o mensageiro
do amor universal,
nas passarelas do mundo
mesmo sendo estrangeiro?
Caiu o pano, desceu a cortina
foi-se o brilho das canções!
Apagaram-se as luzes
e volta, então, a rotina.

Ser eu Novamente

Se um dia eu conseguir
reeditar a minha vida,
voltarei, precisamente,
aos meus tempos de criança,
onde havia a esperança
renascendo diariamente
e sempre era sentida
com o descanso ao dormir.
Com a peraltice e a inocência,
a vida era alegria
nos folguedos de criança
com a paz ali reinante.
Menino era gigante,
menina fazia a dança!
A roda rodava o dia,
e vovó, só paciência.
Por isso gostaria
de rever a minha vida,
de voltar a ser feliz,
de ser eu, novamente.
Pois só assim somente
apagaria o que não quis.
Enquanto a rua é só descida,
a subida me acalmaria?

Paz às Nações

Nada melhor que viver
de braços dados com a vida,
sorrindo com alegria
e distribuindo flores.

Nada melhor que o prazer
de ter ao lado a devida
satisfação do dia a dia
com todos os amores.

Quiçá me falem aos ouvidos
palavras doces e bonitas,
realçando as belezas
das estradas coloridas.

Caminhando nos dois sentidos,
encontro ouro em pepitas
espalhadas nas redondezas,
rolando nas descidas.

E aí vem o fogo a crepitar!
É o barulho ensurdecedor
de foguetes a cruzarem
o meu céu azul anil.

São canhões a vomitarem
bombas e muita dor,
e soldados a gritarem
como cães em um canil.

Toda a vida construída
com prazer e alegria
num instante vai ao chão
sem dó, nem piedade.

Toda a vida destruída
naquela selvageria
dilapidou um coração
que era só felicidade.

Nos conflitos com horror,

os dois lados inocentes
matam, ferem e choram
as desditas da ilusão,
enquanto chefes sem pudor,
loucos e doentes,
as suas maldades ignoram,
pois não pisam naquele chão.
Oh, meu Deus, como pode a guerra
servir de acordo aceito
para impor direitos
nas contradições?!
Oh, meu Deus, pai da Terra,
mata o preconceito
dos insatisfeitos,
traz paz às Nações!

Faça Tudo Mudar

Não serei eu mais um
a criticar o mal
que vem dos corações maldosos,
que lançam os seus conflitos.
Já sabemos que os homens possuem,
escondidos em suas mentes,
o monstro dilacerante
que torna a todos tão aflitos.
A ansiedade por mais poder,
a cegueira de caráter
e também o forte desprendimento
às coisas boas nos sufocam.
Enquanto as baixas se acumulam,
as bolsas sugam seus lucros
e o comércio nos torna escravos.
Tudo isso nos entoca!

As diferenças prosperam
a cada dia que passa!
Nossos sonhos se desvanecem,
mas nossas esperanças ainda resistem.
Os donos do real poder
capitalizam os seus ganhos
e nos acusam dos prejuízos
que, por ventura, ainda existem.
A massa escravizada
suporta as tais manobras
enclausurada nas suas fraquezas,
mas aguardando um salvador.
É triste constatar
que as nossas diferenças
estão visivelmente expostas
aos olhos do vencedor.
A cegueira dos mais fracos
e a visão dos mais espertos
são muito fáceis de se constatar
pela simples observância.
Basta olhar ao nosso lado
e ver em cada um de nós
a dependência subalterna
sob o olhar da ganância.
Os rostos tristes da fraqueza
não conseguem visualizar
o caminho real a seguir
para o bom viver equilibrar.
Oh, meus tempos de criança,
onde havia a esperança
de um futuro promissor,
faça tudo mudar!

Tempos Que Vivi

O amor se espalha
no meu corpo inteiro
quando o dia nasce
e eu sinto o cheiro
do café passado
no coador de pano
a exalar fragrância
ao cotidiano.

O galo canta, empolgado
como o rei do terreiro,
enquanto a franguinha ensaia
o seu ovo primeiro.

O ganso, sempre em festa,
ensaia a sua dança,
e o peru, sempre emplumado,
também à festa se lança.

Há bem-te-vis nos galhos
ou voando a cantar,
consolidando a harmonia
para um feliz despertar.

O leite da vaca mansa
logo vai alimentar
não só sua cria,
também vou aproveitar.

E as horas vão passando,
aumentando o calor.

O mesmo que aquece
os corpos com amor.

E chega a hora boa,
a hora do almoço
no prato que foi lavado
com a água do poço.

O cheiro da comida

aguça mais o paladar
e o sabor, então,
faz a fome aumentar.
Pena que não posso mais
desfrutar das coisas boas,
pois agora me encontro
ao lado de outras pessoas.
A vida atual me faz
apenas lembrar o brilho
dos tempos que eu vivi,
diferentes do que agora trilho.

Com o Tempo Foi Embora

Motivo eu tenho
pra xingar o mundo
e não arredo o pé
vou até ao fundo.
Nasci com a inocência,
mas cresci no livre meio,
aprendi coisas e coisas
e de todas estou cheio.
Coisas boas, coisas más,
permeadas de incertezas,
só me fizeram duvidar
da feiura nas belezas.
Da bola de pé em pé
e da briga nas jogadas
restaram cicatrizes
daquelas rudes peladas.
Minha mãe, pobre mãe
que, em minha pele estava

nas zonas do meretrício,
de fato, em casa se encontrava.
O maldito era eu
e não ela, lhe asseguro,
mas na boca da maldade
o despeito era duro.
Sou filho de uma santa
e não daquela que me xingaram,
por isso o ódio que sinto agora
dedico àqueles que me trolaram.
Sofri e sofro,
não sou feliz!
Senti o gosto amargo
e até hoje não me refiz.
Porém não sei
o que virá agora.
Muito antes havia o amor,
mas, com o tempo, foi embora!

Ilusões

Sem mais, nem menos
se leva a vida.
Se é boa, se é má
é só vivendo para saber.
Se levo o barco
a alto mar,
não sei se volto,
pois lá eu posso perecer.
Se a noite engole
o meu dia a dia,
e se o pranto
me faz sofrer,
que mais eu posso
esperar do escuro
que me envolver?
Em outros tempos
eu navegava
em mar aberto,
a sorrir.
O céu azul
me encantava
e a voz do mar
eu pude ouvir.
Ah, quem me dera
ter novamente
o meu tempo
de paixões!
Só agora me dou conta
que a beleza que havia
era apenas ilusões.

O Tempo Não Perdoa

Se me dissessem
há um ano atrás
que eu não teria
meus bons momentos,
eu diria sem pestanejar
que as más línguas,
que proliferam nas ruas,
apenas sopram aos ventos.
Cansei de ouvir histórias,
de suposições inacreditáveis,
de previsões negativas
e até de sonhos descabidos.
Não acreditava, é claro,
pois os olhos da maldade
enxergam pontos existentes
em geral desconhecidos.
O tempo passa,
a vida também!
A gente não se conforma,
mas a mudança se faz presente.
A roupa não é a mesma,
o sapato gastou a sola,
o meu rosto criou rugas,
não uso mais o pente.

Não posso subir escadas,
meu joelho não se dobra,
não leio mais os livros
que me ensinaram a viver.
Chegou, então, a hora
de lembrar o passado,
de rever as previsões
que as más línguas cuspiram.
E não é que foi verdade?
Pois agora entendi
que o tempo não perdoa
e nem as horas conspiram.



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
CADEIRA 01 –GUSTAVO TEIXEIRA



Jose Roberto Espíndola Xavier, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 24, cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP, campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho. Membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio Presidente da Associação Paulista de Medicina, Regional de São Caetano do Sul, médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. Curador da Fundação das Artes; Patrono Fundador das Artes de São Caetano do Sul. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias *Meu Século* e *Voyeur*.

O Ponto de Deflexão

JOSÉ ROBERTO ESPINDOLA XAVIER

Tem cheiro de pólvora
A aragem da minha terra,
E as flores do campo, agora,
Recendem o perfume da morte.
Mastigo o acre e o amargo
Do que ainda cresce neste chão,
Por onde andei descalço,
Insonte do vil e do falso,
Infante, abraçado à ilusão.
Caminho no rocío turvo e sem matizes,
Por gotas de sereno impregnadas
Da fuligem que borra o verde da esperança,
Despertando no coração da criança
Lembranças da relva outrora imaculada...
“Não olhe para cima”

– Ironia mordaz de filme recente nas telas!
Mas, Oh Deus dos desvalidos,
Como contemplar semelhante pedido
Se, no peito, ardem sufocantes quimeras?
Olho, sim, e peço, inadimplente de crenças,
Que retenhas as lúbricas argamassas,
Impiedosas mortalhas de pedras e lama,
Que emudecem o grito do fiel que clama...
Olho sim, e ousa pedir clemência na desgraça:
Deter a razia dos cerrados e das florestas,
Nos céus, os mísseis; nos ares, a peste,
Serenar a algaravia global que estimula
Ódios e egos da epidêmica loucura.
Hélas, Senhor!

Refaça Seu mundo com apriscos eivados de fé
Onde o pastoreio não extorque nem corrompe,
Mostre o ponto de deflexão, a placa de retorno
Para os filhos, céticos ou ascetas,
Pois, mercê de sortilégios de vias sem meta,
A lógica do absurdo reina e nos cega
Na palavra sacrílega de um canalha que prega!
Seu nome, tomado em vão, viceja sobre milhões
A caquistocracia de falsos profetas, mitos e vendilhões...
Fico, então, com a palavra de um Brecht trivial:
“Primeiro vem o estômago, depois a moral”.
Para miseráveis, antes de tudo, valem, de fato,
Um teto que agasalhe e comida no prato...



José Roberto Espindola Xavier

CADEIRA 24 - PATRONO ALBERTO DE OLIVEIRA



Adeus às Ilusões

V Antologia
Academia de Letras da Grande São Paulo

Sócio Correspondente



Flávio Mello, Sócio Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Possui graduação em Letras - Literatura, Especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e Mestrado no curso de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, com título: Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. Atualmente é professor convidado em Universidades e Colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, o Conto Contemporâneo e Poesia. Oficinas em diferentes abordagens que vão desde a criação de peças e construção de fantoches a Poesia Modernista de Jorge de Lima.

A Calçada

FLÁVIO MELLO

O passeio... ao relento, varizes no cimento, que, de tão fraco, parece esfarelar ao som do vento, rachaduras em um tom de terra vermelha, uma centelha e poças macilentas, lentas e opulentas, espalhando-se pelo calçamento. O verde, já tão tímido, ponteia aqui e ali, feito tinta derramada, feito reflexos de nada, pisadas e achatadas pelo peso dos passantes.

E ela, ali, aguenta tudo isso calada, animais mortos, entulho, enxurrada, postes que tombam, tráfico, prostituição, uma passarela de caos, de medo, de horror... uma eterna maldição.

Lixeiras enfileiradas, cabisbaixas, derrotadas, destruídas não comportam mais nada, e os resíduos humanos, a imundície, se espalham ou se arrastam ao vento, pela água enegrecida, poluída.

E como pode aguentar tanto, como pode aguentar tudo isso, como pode se manter de pé, ou deitada? Há momentos de ternura – casais que passeiam de mãos dadas, donos com seus cães (com sacolinhas para levar suas sujeiras), crianças de bicicletas, skate e de patins, crianças de triciclos, caindo e se levantando, sorrindo.

Amigos que sorrindo lembram-se da infância ou de quando a rua ainda era de terra batida, os gritos de goool e o pega-pega... Ela ainda não tinha sido feita, não existia, e depois do asfalto, meio fio... ela surgiu. Por um tempo foi notada, querida, foi até amada, com o tempo... Mas há o cego que a lê e a entende como ninguém, que a toca, que a vive e que a vê.



Flávio Mello

SÓCIO CORRESPONDENTE



Ana Luiza Almeida Ferro (1966) é Sócia Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Promotora de Justiça, professora, escritora, historiógrafa, poeta e conferencista internacional. Doutora e Mestre em Ciências Penais (UFMG). Pós-Doutora em *Derechos Humanos* (*Universidad de Salamanca, Espanha*). Graduada em Letras e Direito. Membro de Honra da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica, da *European Society of International Law*, do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Direito, da Academia Maranhense de Letras e de várias outras instituições culturais. Detentora de certificados de proficiência em língua inglesa pela *University of Cambridge*, Inglaterra, e de diplomas pela *Université de Nancy II*, França, como o *Diplôme supérieur d'études françaises*. Autora de numerosos artigos e livros, sobretudo de Direito Penal, História e poesias, dentre os quais *O Tribunal de Nuremberg*, *Quando: poesias*, *Crime organizado e organizações criminosas mundiais*, *O naufrago e a linha do horizonte: poesias e 1612* (edições brasileira e europeia). Recebeu o Prêmio “Poesia, Prosa e Arti figurative” (Itália, 2014 e 2019), a Menção Honrosa do prestigioso Prêmio Pedro Calmon 2014 (IHGB), o tradicional Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015 e o Prêmio Vianna Moog (UBE-RJ, 2017). E-mail: alaferro@uol.com.br.

Houve Um Tempo

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

Houve um tempo
de contar histórias
no peito dele
e ele cochilava na contradança
enquanto eu
era criança.

Houve um tempo
de construir castelos
ao lado dele
e a areia não se desfazia
nem com a força
da maresia.

Houve um tempo
de pegar a caneta
com a mão dele
e a minha mão era pequena
para o que ele escrevia
com a pena.

Houve um tempo
de deixar a ilha
sob o olhar dele
e o continente se revelava
enquanto ele
se preocupava.

Houve um tempo
de tocar as estrelas
nos ombros dele

e não eram elas tão distantes
ou era ele
um gigante.

Foi um tempo feliz.
Parecia eterno.

Só parecia.

A saudade é o que fica
da ilusão da vida
no compasso do tempo.

Quando o vento se cansa
de soprar as horas
só resta dizer adeus.

Adeus às Ilusões

Guardei teus beijos inflamados
na derradeira gaveta
do móvel mais antigo
do porão da minha casa
ao lado de um retrato desgastado
pelo sol do meio-dia
sobre umas meias remendadas
por mãos que já se foram
debaixo de uma camisa velha
cheirando a naftalina.

Amanhã faço uma faxina
e vai tudo pro lixo

O Náufrago II

Do f
o
r
t
e da ilha

vislumbro

os meus sonhos

delirantes

a bordo de um barquinho

que se esvaece

p o u c o a p o u c o

d e v a g a r

na extrema linha

do horizonte.



Ana Luiza Almeida Ferro

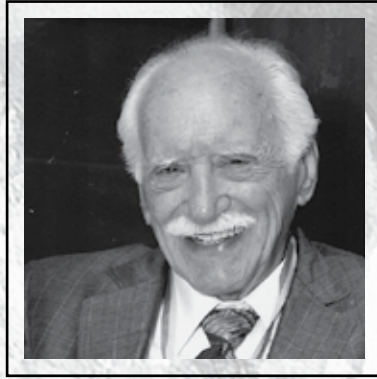
SÓCIO CORRESPONDENTE



Adeus às Ilusões

V Antologia
Academia de Letras da Grande São Paulo

In Memoriam



Rinaldo Gissoni, em 11 de agosto de 1981 fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP um orgulho para a cultura brasileira, foi presidente desta Instituição por 26 anos. Ocupou a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, Capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni. Faleceu em seis de novembro de 2010, em Santo André, São Paulo, aos 94 anos de idade. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia. Ainda estudante em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde morou, apaixonou-se pelas letras e, paixão esta que o levou a fundar os periódicos *O Futurista* – de caráter eminentemente literário e o *Veterinário* – de caráter científico. Foi fundador do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos e culturais, ético e estético mostrado em suas obras, nas quais valorizou sobretudo a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em *Brumas*; *Pedestal Inacabado*; *Dimensões Humanas*; *Os Mistérios da Montanha*; *O Enigma de Rosângela*; *Irisações Finais*; *Braços Abertos*; *O Elemento RAM*; *Além das Trevas*, seu último livro publicado em vida e lançado *in memoriam* devido ao seu passamento. Esta Academia foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

O Pombo-Correio

RINALDO GISSONI

(do livro Além das Trevas, editado em 2010)

Clarismundo parecia contente e talvez fosse feliz. Ora... Por que não? Podia considerar-se privilegiado pelo fato de ser possuidor de uma riqueza que nem todos conseguem: uma esposa compreensiva, paciente... E bela. Para completar a sua alegria ganhara do amigo Borges um dos pombos-correios de sua criação. Em certas circunstâncias como, por exemplo, se precisasse de alguma coisa, um empréstimo, um socorro, bastaria usá-lo como portador da mensagem.

Embora não revelasse a ninguém o que lhe passava pela cabeça, as suas expressões eram como um pano de boca ocultando o cenário que há tempos ele vinha arquitetando. Ainda que um tanto nebulosa, essa ideia ou, sem dúvida, esse plano, ele procurava esconder, avaramente, como quem zela por um tesouro conquistado a custa de sacrifícios. O seu silêncio era, pois, precioso, e ouvira dizer que o segredo é a alma dos negócios.

Ele era um homem de costumes simples. Em todos os dias a sua rotina não mudava: de manhã, pouco depois das seis horas a sua caminhada limitava-se ao seguinte: dirigia-se à indústria metalúrgica situada nos arredores do bairro, competindo-lhe as funções de encarregado para supervisionar as operações de uma ou outra turma. Dali, à tarde, decerto regressava à sua moradia onde en-

contrava a mulher pedalando a máquina de costura. A casa fora por ele edificada graças a empréstimo bancário com aval de um amigo, sobre a área de terreno que adquirira do loteamento feito pela empresa empregadora.

Havia então uma hipoteca para ser saldada durante alguns anos; e uma cláusula do contrato era bastante onerosa no caso de atrasos. De forma alguma isto deveria ocorrer. Por esta razão e sabendo-se que a inflação evoluía sem o necessário controle, e os salários defasavam rapidamente, Ema dispôs-se a ajudar com trabalhos de costura para mulheres de operários. Espreadando-se a sua habilidade, a clientela tornou-se maior.

A fim de cumprir seus compromissos, horas e horas ela permanecia na sala da frente, sentada diante de sua máquina de costura, esquecendo-se do tempo e até das coisas mais simples, como que segregada da vida. O que fazia tornava-se imperativo. Presa nesse constante mister, e mesmo que quisesse, não poderia interromper as suas atividades e tudo que mais desejava lhe fugia: respirar outros ares, admirar novas paisagens, sentir-se perto o palpitar humano, afinal... viver e amar.

Assim, pois, sonhava... E enquanto fazia mover, com os pés, aquele pedal, os seus pensamentos voavam...mas o intermitente arrulhar do pombo-correio, colocado num dos cômodos do fundo, repercutia como um pedido de socorro.

Borges fez várias visitas, menos para ver a ave que gemia, do que a linda costureira que, sem dissimular, o fitava com ternura. Diante dela o visitante, encantado, sussurrava elogios e, ao mesmo tempo, o seu pesar vendo-a sacrificada.

Ema via-se, então, num salão dourado, caindo feliz, em êxtase, nos braços de seu príncipe. De repente voltava a si, para achar-se refém dentro do próprio lar.

Os ganhos não eram muitos, mas não de se desprezar. Pouco se lhe dava que aquela vitalidade da juventude se

transformasse numa outra condição, quer dizer, numa espécie de declínio.

Amigas a visitavam.

— Você notou — dizia uma delas — que Ema quase não fala?

— É verdade — a outra respondia — é que mulher com atenção no seu dever não é de prostrar.

— Éramos colegas, bem me lembro... tão bonita quando solteira!

— Sim, ainda é.

— Nem tanto. Perdeu algo do seu magnetismo.

Os seus pés, antes pequenos, de bailarinas, pareciam inchados e as suas pernas, antes estéticas, já mostravam veias salientes. A máquina é um instrumento de deformação e pouco a pouco, insidiosamente, vai roubando características que fazem o misterioso encanto feminino.

As amigas achavam que Ema perdera a graça de seu físico de mocinha e traços de seu rosto de diva. Clarismundo não percebia que a sua esposa sentia-se numa vida obscura? Não ia a parte alguma, estava sempre ali.

Mas ele deixava esvaír, inadvertidamente, os melhores instantes para dar e receber amor e Ema desejava supri-los. Nessa impossibilidade se conformava... Um artista suprarreal saberia tanger as cordas desse violino...

Há fatos que implicam até na estrutura conjugal.

Encerrado o segundo período, os operários corriam ao bar fronteiro para os seus aperitivos. Eles pertenciam a turmas que Clarismundo fiscalizava e com as quais dialogava escolhendo aqueles que se revelavam mais aptos para tarefas mais importantes. Os que se sentiam preteridos julgavam que o encarregado se pautava pelo princípio da preferência e não da competência. Eis porque guardavam certo ressentimento. Clarismundo não participava desses encontros ou por não ser convidado ou porque assumira outros compromissos e preferências. *Grosso modo*, era o que ocorria.

Ele tinha um amigo versado em vários negócios e, sobretudo, não apenas um bom observador, mas um conselheiro sensato. Precisava ir, tão breve quanto possível, ao seu encontro porque o projeto que cultuava fora inspirado por aquele cidadão. Clarismundo, que se achava a par da produção e exportação comercial previa a decadência administrativa da metalúrgica o que o levaria a propor a seus empregados renúncias voluntárias. A proposta chegaria a ele, de forma que, precisava precaver-se procurando por em prática o projeto que, secretamente, vinha desenvolvendo e, pelo amigo, considerado promissor.

A modalidade de trabalho naquela indústria exigia esforços sobre-humanos e o manuseio de material pesado era contínuo e exaustivo, não se falando dos ruídos ensurdecedores e da poluição, influenciando no espírito dos trabalhadores e fazendo-os um tanto ríspidos de maneira que se afastavam de um trato social melhor, ou um pouco mais afetivo. Seria em razão desses pormenores que Clarismundo não se abria às claras, nem mesmo para com Ema?

Ela se preocupava ao vê-lo calado, sinal da existência de problemas, talvez econômicos. De uns tempos para cá ele não recebia reajustes salariais. Sentia, pois, uma íntima revolta e já modificava os seus hábitos. Mas Ema pressentiu a verdade, ele seria despedido da indústria. Nada deviam ao banco e, com a indenização transformariam a sala da frente numa de comércio de roupas e objetos de uso pessoal.

Sempre, ao entrar em casa, primeiro ia ver como se achava o seu pombo-correio e soprar-lhe alguma palavra, e este, ouvindo-o, aquietava-se. Em seguida, voltava-se para a mulher que esperava receber agradãos.

Certo dia, ao chegar mais tarde à casa e demonstrando cansaço, ele a beijou de leve como se esse beijo a machucasse. Ao sentir esse contato, instintivamente, ela pousou ali, também de leve, a ponta do dedo indicador.

Era, sem dúvida, um beijo fugidio. Ele estivera, durante horas, longe dela e esse seria um momento supremo para toma-la nos braços e cumulá-la de beijos aquecidos, dizer-lhe que lamentava os sacrifícios que ela suportava ao dobrar-se sobre aquelas costuras que seguiam os modelos além dos usuais, tão pouco lhe rendiam e tanto lhe encurtavam a visão. Oh! Ele devia ter para com ela uma dívida de gratidão. Sim, não ignorava que, na ânsia de ajudá-lo, Ema assumira aquela obrigação e, no desempenho das costuras perdera um tanto de suas graças e muito de sua vitalidade. Algumas vezes ela se queixava de dificuldade em fazer passar a linha pelo buraco da agulha. *Clarismundo notou a insatisfação de Ema.*

Cabia-lhe, a título de reconhecimento, convidá-la a saírem, que ela se arrumasse, pois ceariam fora e, assim, esqueceriam algumas passagens menos doces e viveriam outras mais animadoras, possivelmente, de encantos. Assim o fez. O espaço de tempo que curtiriam juntos seria uma espécie de cortina a se abrir a novos gestos de afeto.

O convite seria irrecusável, cairia como uma benção. Por que não aceitá-lo? Bastaria predisposição para os primeiros passos e a satisfação de jantarem fora, o que raramente ocorria! Seria um programa ideal para a recuperação de desgastes e, mesmo que por um lapso, achar-se longe daqueles tristes arrulhos. Ema não se negaria. Realmente, imaginava ir a algum lugar, longe do seu bairro vazio de atrações, com certeza ao centro da cidade onde poderia ver a agitação humana e ouvir o confuso rumor de tudo e, desse modo, de tudo ela se julgaria uma pequenina parte.

Ela também estivera quase o dia inteiro só e silenciosa, naquela sala atulhada, dedicando-se à rotina de uma atividade cansativa que lhe exigia o máximo de atenção em troca de alguns trocados, mas que serviriam para completar as parcelas contratuais, e aquelas outras do orçamento doméstico. Não era justo que faltasse com o

reconhecimento, a admiração, e reconforto com palavras que enaltecessem a sua exemplar conduta. No entanto, mostrava-se lacônico:

— Como foi o seu dia? — perguntou.

— Está vendo retalhos no chão? Passei o dia cortando tecidos, adiantando as encomendas. Não é fácil satisfazer as clientes — ela respondeu com um sorriso amargo — e, naturalmente, pensando em você, temerosa de algum acidente.

— Você não gostaria de sair?

Após curta pausa, em que pressentiu na pergunta de Clarismundo uma ponta de insinceridade, e no seu olhar a ocultação de um segredo, ela prosseguiu recolhendo nas gavetas alguns objetos miúdos:

— Apressei-me, satisfeita, porque pagaremos, sem atraso, uma das últimas parcelas que restam.

A várias perguntas que vieram, Clarismundo respondia com monossílabos ou acenos significando um simples sim ou um simples não.

— E então? — ele perguntou pela segunda vez.

— Podemos ir. Vou me arrumar.

E dirigiu-se ao quarto, sem conter uma onda de alegria. Oh! Tudo parecia mudar. Tudo começava a se transformar num mundo de cores vivas...

Ao voltar à sala, em traje social e exalando suave perfume, achegou-se de Clarismundo, levemente, como a maciez de um veludo.

— Sabe? Estive pensando... — ela disse.

— Em que?

— No seu silêncio. Você fala pouco. Acho que você esconde de mim algum problema. O que é? Seja sincero. Diga-me!

Ele foi breve: o seu amigo Borges, criador de pombos-correios o aconselhava a entrar no comércio de canários. É o que pretendia fazer, comprar e revender canários, logo que recebesse a indenização da empresa.

Ema ergueu os braços e com as mãos espalmadas comprimiu a cabeça.

— Não é possível, meu Deus! — exclamou — Aí, que dor de cabeça! — gemeu, e, em busca de um comprimido, recolheu-se ao quarto.

Em razão do mal-estar, a ceia foi suspensa, e a noite decorreu, inteira, de insônia.

Logo de manhã, em vez de sentar-se diante da velha máquina de costura, Ema foi ao cômodo do fundo, tomou em suas mãos o pombo-correio e deu-lhe liberdade para que levasse a mensagem:

“Borges, venha me buscar, urgente.

E”.



Rinaldo Gissoni

IN MEMORIAM



Gioconda do Carmo Labecca de Castro, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupou a Cadeira 30 cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha, Sul de Minas. Filha de Humberto Labecca e da Professora Iria de Rezende Labecca. Professora, Assistente Social, fez os cursos de Parapsicologia, Psicologia, Psicologia Dinâmica, Curso Superior de Parapsicologia. Curso Intensivo de Legislação Trabalhista Palácio Tiradentes RJ. Relações Humanas, RJ. Literatura na Academia Brasileira de Letras RJ. Retórica e Dicção no RJ. História no Ateneu Paulista. Literatura na Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Fez parte da Academia Brasileira de Trova – RJ na Cadeira de Teófilo Dias; Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; Sociedade de Homens de Letras do Brasil – RJ entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

Triste Desfecho

GIOCONDA LABECCA

(Do livro Voltando ao Passado, editado em 2006)

Mamãe e eu estávamos saindo para irmos à Missa no Forte Copacabana, quando nos deparamos com Yole aproximando-se de nossa casa. Veio correndo nos abraçar e convidar para o seu casamento, que seria realizado no sábado seguinte. Estávamos no domingo e dizia-nos que seria uma festa simples, com um coquetel para cem pessoas, e pediu-me para ser testemunha no civil, o que aceitei de imediato.

Ela era uma boa amiga, sincera, leal e gentilíssima para com minha família.

Contou-nos que Mário, na terça-feira, iria viajar e apanhar os pais para trazê-los na quinta-feira. Yole não ocultava a sua felicidade e fazia questão de falar sobre a bondade e generosidade de Mário. Mostrou-nos um cheque de duzentos e sessenta cruzeiros, pré-datado para fins de junho, a fim de que pagassem as dívidas que fossem feitas com o casamento, que seria em maio. Yole nos acompanhou até à igreja e voltou em seu carro para casa.

Nesse mesmo dia, comecei a separar meu vestido, sapatos dourados, bolsa dourada e experimentá-los, pois só os usava em ocasiões especiais. Todos os dias, Yole me telefonava dando detalhes de tudo que fazia. Chamou-me para ir à sua casa para ver o seu vestido e dar-lhe a minha opinião sobre os adereços que iria usar.

Ela era filha de pais professores, que viviam de seus ordenados, unicamente. Tinham umas economias, gastas no enxoval, aluguel do apartamento, que seriam ressarcidos com o cheque pré-datado, já em mãos da filha. Mário seguiu viagem, levando algumas peças de roupa para trocá-las pelas novas do enxoval. Deixou poucas coisas na casa da noiva, onde vivia há cinco meses, sem ter nenhuma despesa. Às vezes, comprava algumas guloseimas e frutas que ele mesmo consumia. Sempre dizia que era filho único e herdaria, em vida, uma bela fazenda na qual seus pais moravam.

Alegava sempre que não levava a noiva para conhecer os pais porque eles estavam aposentados e não paravam em casa, e deixava por conta dos caseiros. Mário dizia ser viajante e saía todas as manhãs, só voltando à noite, muito cansado.

A semana ia passando rapidamente e o dia do casamento se aproximava. Mário não telefonava, mas como dissera que viria somente às vésperas do casamento, nada foi interrompido.

Na sexta-feira à noite, tudo já estava pronto: os salgadinhos, as bebidas, o bolo, faltando mesmo o noivo. Como Yole morava no subúrbio, no sábado fomos cedo para lá. Esperamos o dia inteiro. Nada. Nem um telefonema. Nenhum sinal do noivo. Yole estava desesperada!

Andava de um lado para outro; as horas iam passando, e toda a família estava preocupada. Seu otimismo dizia que ele chegaria a tempo. Começou a se vestir, sempre dizendo que as estradas até a fazenda eram de difícil acesso.

Os convidados iam chegando para o ato civil que seria em casa, de onde depois seguiriam para a igreja, que ficava a poucos passos dali. Todos estavam apreensivos e cochichavam pelos cantos. Yole, sem pestanejar, deu um olhar terno para os convidados, desceu ao porão, pegou um copo com água, colocou formicida e veio cair morta junto aos convidados. Ela só tinha dezoito anos!

Mário nunca mais apareceu e ninguém teve notícias do seu paradeiro por mais que os pais e a polícia o procurassem. Desintegrou-se no ar!



Gioconda Labecca

(IN MEMORIAM)



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
José Carlos Donadão
Humberto Domingos Pastore
Sérgio A. Alonso Ballaminut
Hildebrando Pafundi
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel
Eva Bueno Marques
Roberto de Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro

In Memoriam
Gioconda Labecca
Rinaldo Gissoni

Adeus às Ilusões

A V Antologia trata de um tema que se identifica com o momento que vivenciamos em nosso país, “Adeus às Ilusões”, e se transforma em uma conversação escrita em torno de ideias e ideais, merecedoras de ponderação e reverência a todos que nos contemplaram como parte desta obra.

